



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação**

**A NATUREZA COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA O BRINCAR E
O EDUCAR NA INFÂNCIA:
A EXPERIÊNCIA NO QUINTAL DE UMA ESCOLA**

RAYLANE MARINA CARLOS DE AGUIAR

BRASÍLIA 2019



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE

RAYLANE MARINA CARLOS DE AGUIAR

**A NATUREZA COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA O BRINCAR E
O EDUCAR NA INFÂNCIA -
A EXPERIÊNCIA NO QUINTAL DE UMA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Banca
Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade
de Brasília como exigência final para obtenção do título
de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues

BRASÍLIA 2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AAG282n AGUIAR, Raylane Marina Carlos de
A natureza como lugar privilegiado para o brincar e o
educar na infância - Experiências no quintal de uma escola /
Raylane Marina Carlos de AGUIAR; orientador Maria Alexandra
Militão Rodrigues. -- Brasília, 2019.
68 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2019.

1. Criança. 2. Natureza. 3. Educação. 4. Brincar. 5.
Desenvolvimento. I. Militão Rodrigues, Maria Alexandra,
orient. II. Título.

RAYLANE MARINA CARLOS DE AGUIAR

**A NATUREZA COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA O BRINCAR E
O EDUCAR NA INFÂNCIA -
A EXPERIÊNCIA NO QUINTAL DE UMA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 27/11/2019.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Orientadora

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana
Examinador

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva
Examinadora

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Suplente

BRASÍLIA 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a quem me apoiou e cuidou de mim a vida inteira para que eu pudesse chegar a esse momento: minha família, mas, principalmente, minha mamãe. Obrigada pelo colo carinhoso, pelo apoio nas decisões, mesmo que tortas, mesmo que duvidosas. Obrigada por estar sempre aqui.

Agradeço a quem me ouviu falar todos os dias desse desafio que é escrever um trabalho tão importante quanto o de conclusão de curso. Obrigada por me fortalecer, me lembrar que sou capaz.

Agradeço à Universidade de Brasília, pelos bons anos que passei para que pudesse sair, enfim, Pedagoga. Às pessoas que conheci nesse lugar tão maravilhoso, e que fazem parte da minha história, ocupando um pedaço no meu coração. Obrigada a quem esteve e não está mais, obrigada a quem permaneceu. A quem conheci enquanto estudante de Geografia, de Letras e de Pedagogia. Obrigada!

Agradeço às professoras e professores que cruzei em minha jornada, me mostrando que a educação pode ser linda, pode ser leve, pode ter afeto, pode ser libertadora. À professora Alexandra Rodrigues, que desde o primeiro contato na universidade me fez amar a educação inovadora, livre das amarras do autoritarismo, mas cheia de liberdade, consciência social, amorosidade e sentido. Obrigada pelas palavras tão carinhosas, pela calma, pelo conforto que me deu a cada instante de escrita deste trabalho.

Agradeço à Escola da Árvore, às pessoas que dela fazem parte, que me ajudaram a crescer e desabrochar, aprender de inúmeros modos a ser a educadora que me formo hoje. Obrigada pelos bons-dias, pelas risadas, pelas caronas, pelo apoio durante dois anos recheados de trocas maravilhosas, pelas ajudas tão necessárias, pelos sorrisos nos dias felizes e pelo apoio nos dias nublados. Por entenderem o cansaço, mas também por celebrar as coisas boas da vida. Pelo ombro amigo de cada pessoa que esteve por mim ali. Obrigada por partilharem momentos tão especiais.

Agradeço às crianças, que com sua espontaneidade tão característica da infância, me ajudaram a fazer esse trabalho, a extrair a beleza dos dias vivenciados, a sair da minha zona de conforto, a brincar, a correr, a pular, a rir mais, a me entregar ao bom da vida. Por serem os atores que mais me ensinaram durante minha jornada.

A todas e todos, obrigada por fazerem parte da minha história!

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre a importância da natureza como espaço educativo e contexto privilegiado do brincar na infância. Foi realizado um estudo bibliográfico utilizando diversos autores, com destaque para PEREIRA (2002; 2013), LOUV (2016) e BRANDÃO (1981), a fim de se obter um entendimento de conceitos tão importantes para o desenvolvimento do trabalho, como a natureza, o brincar e o educar, bem como tentar compreender a relação atual das crianças com o meio natural. Realizou-se uma pesquisa de campo em uma escola particular do DF com um vasto quintal repleto de árvores, grama, espaço para brincar e aprender, e as possibilidades de desenvolvimento nesse cotidiano tão rico. A investigação ocorreu por meio de observação participante e gravação de voz de crianças entre 3 e 4 anos, no segundo semestre de 2019, com foco nas práticas educativas e brincadeiras vividas no cotidiano escolar, ao ar livre. As reflexões realizadas envolvem o olhar subjetivo da pesquisadora, que atuava também como educadora das crianças, entendendo que somos seres com uma história e participantes de uma construção social à qual atribuímos significados e sentidos. Percebeu-se que a possibilidade de criação de conexões com a natureza é essencial para que se desenvolvam laços de pertencimento e cuidado, pois conhecer o que nos faz vivos e nos constitui é reconhecer a importância de respeitar a Terra.

Palavras-chave: Criança; Natureza; Educação; Brincar; Desenvolvimento.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1	14
FIGURA 2	27
FIGURA 3	28
FIGURA 4	42
FIGURA 5	45
FIGURA 6	46
FIGURA 7	47
FIGURA 8	49
FIGURA 9	51
FIGURA 10	52
FIGURA 11	53
FIGURA 12	54

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	1
RESUMO	2
LISTA DE IMAGENS	3
SUMÁRIO.....	4
APRESENTAÇÃO	5
MEMORIAL EDUCATIVO	6
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – CRIANÇA NA NATUREZA? ISSO AINDA EXISTE?	16
1.1. O QUE É NATUREZA?.....	16
1.2. OS POVOS INDÍGENAS E SUA CONEXÃO COM A TERRA	20
1.3. CONTEMPORANEAMENTE, AS CRIANÇAS TÊM CONTATO COM A NATUREZA? QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONTATO, E DE SUA AUSÊNCIA?	25
CAPÍTULO 2 – A NATUREZA COMO EDUCADORA E CASA DO BRINCAR	32
2.1. O QUE É EDUCAR?.....	32
2.2. BRINCAR? QUE BICHO É ESSE?.....	38
2.3. BRINCAR E EDUCAR NA NATUREZA	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
PROJEÇÕES FUTURAS	57
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXOS	64

APRESENTAÇÃO

O trabalho que se segue é composto por momentos específicos de escrita: memorial educativo, monografia e projeções futuras. O memorial é composto pelas vivências da autora, buscando relacionar situações relevantes de vida para a construção da temática do trabalho, trazendo à tona situações do brincar e do aprender em sua própria infância e adolescência.

O tema do trabalho parte de uma grande afinidade da autora com a natureza, além de sua vivência em uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais, com um contato privilegiado com o verde, situando-se a escola em uma chácara, com inúmeras árvores, frutas, horta, muita grama e céu azul. Percebendo a vivência tão feliz das crianças com o quintal, com o contato com a natureza, a autora realizou o presente trabalho, desenvolvendo um diálogo crítico e reflexivo entre teoria e prática, por meio de pesquisa bibliográfica e da observação das crianças no quintal.

A monografia é composta por dois capítulos. O primeiro, intitulado “Criança na natureza, isso ainda existe?” busca refletir sobre os conceitos de natureza, sobre relações respeitadas entre ser humano e a terra, partindo de um estudo sobre a visão indígena e sua relação com o meio natural; além de refletir também sobre a relação atual das crianças com a natureza.

O segundo capítulo, “A natureza como educadora e casa do brincar” reflete sobre o que é educar, pensando também na educação indígena e sua ligação com a natureza. O conceito brincar também é estudado, para que se chegue ao educar e brincar na natureza, refletindo sobre experiências vividas pelas crianças na pesquisa de campo realizada, na Escola da Árvore. Ao longo do trabalho são trazidos episódios das crianças e suas vivências, correlacionando-as com a teoria utilizada para a construção das reflexões aqui realizadas.

Nas considerações finais são feitas ponderações gerais acerca do tema estudado, buscando não concluir o tema, mas abrir possibilidades de continuidade de pesquisa e reflexão. E, finalizando o trabalho, as projeções futuras da autora são expostas, sobre as intenções enquanto ser humano e profissional da educação.

MEMORIAL EDUCATIVO

Quatro anos de idade, uma kombi amarela, um tchau para a mamãe e o papai e “olá, escola”. Eu sempre gostei da escola. Apesar de tudo. Sim, apesar de tudo porque, revendo minha trajetória escolar, vejo o quão massacrante a educação pode ser.

Na infância e adolescência nunca tive muito contato com a natureza. Os locais nos quais estudei eram sempre ambientes fechados, quadradinhos, e na tradicional disposição: um estudante atrás do outro, em suas cadeiras, com o olhar para a nuca do colega, e não para os olhos. Rodas de conversa em sala de aula nunca passaram pela minha cabeça, era raro existirem. Só aconteciam nas aulas de contraturno, de música e artes cênicas, no ensino médio. E era estranho e incômodo para mim, sair da maneira robotizada de existir na escola para um lugar mais horizontal, mais participativo, mesmo que por cinquenta minutos.

Ah, o ensino médio.... Quantas lembranças! Semana de provas com duas provas todos os dias e milhares de trabalhos para entregar nesse mesmo período infernal. Professores que acreditavam que a melhor maneira de se ensinar era depositando em nós conteúdos diversos, como se fossemos máquinas de reprodução. Ou talvez não acreditassem realmente nisso, mas estivessem presos nessa dinâmica, por algum fator de suas vidas. Decorar, repetir, refazer, copiar... Ufa! Meus doze anos na escola foram repletos desses verbos, e as consequências disso, para mim, são notáveis hoje, na universidade, finalizando minha graduação em Pedagogia. A dificuldade em tomar decisões e a insegurança consequente disso, a criatividade tolhida, o medo de falar, expor minha opinião, mesmo sabendo que tudo bem, a universidade é o local de construção de conhecimento, e isso não ocorre só ouvindo o professor, são algumas dessas consequências.

Entrei aos dezessete anos na Universidade de Brasília, em 2013, no curso de Geografia, e lá passei dois longos anos, tentando me adequar a um ambiente que não era meu, a um conhecimento que não me acolhia e não era acolhido por mim. Sentia que não era o meu lugar, mas a ideia de desistir me deixava lá. Eu sempre gostei da infância, das crianças, da educação. Mas eu lembrava do meu professor de Gramática do ensino médio falando em alto e bom som para a turma “eu não estou ensinando isso tudo para que vocês façam PEDAGOGIA na universidade, hein?”. Lembrava das minhas colegas de turma falando que iriam cursar Direito para poder comprar muitos sapatos e pensava que se eu fosse para a Pedagogia eu não iria ter dinheiro nenhum, nunca. Comprar muitos sapatos nunca foi um objetivo. Mas eu tinha medo, e mesmo não gostando do curso no qual entrei, fiquei. Entre tantas outras coisas, a Geografia

estuda a natureza, suas formas e sua relação com a sociedade que vivemos, e acredito que muito do que me fez ficar foi exatamente esse objeto de estudo, que me possibilitava sempre ir a saídas de campo, visitando o Cerrado em sua beleza.

No terceiro semestre entrei em um projeto de extensão chamado “Livros Abertos: Aqui Todos Contam”. Pela primeira vez entrei em uma escola pública, na vida! E entrei toda semana por dois anos, para contar histórias para crianças, de forma dialógica. Foi uma experiência incrível, transformadora. Abriu meus olhos para a realidade da escola, abriu meus olhos para o mundo da leitura e sua importância inimaginável no desenvolvimento das crianças e reforçou em mim o gosto pela infância, pela educação. Ainda na Geografia, participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, um programa do Ministério da Educação, de incentivo ao magistério, e foi importante para eu finalmente tomar a decisão de sair da Geografia. A minha estada no curso, porém, foi de grande valor para mim como pessoa e como estudante, e de fundamental importância também para a construção desse trabalho. Quando decidi trocar de curso, fui para Letras Português, pois ainda não aceitava o fato de que meu coração pulsava forte pela Pedagogia. Que grande besteira!

Fiquei um ano no curso de Letras e minha coragem finalmente bateu à porta. Prestei meu terceiro vestibular e entrei no curso que eu sabia que me faria feliz. E isso mudou toda minha perspectiva profissional e até mesmo pessoal. Senti-me corajosa, finalmente. E a cada matéria que eu cursava eu só conseguia pensar “é aqui mesmo que eu tenho que estar”!

A trajetória foi longa, mas eu consegui me encontrar e aceitar isso de coração aberto. A Pedagogia é uma marca importantíssima na minha vida. Nela me aprofundi na infância, participei de dois editais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; participei de outro PIBID, mas queria mais. Queria mais experiência, e juntando esse desejo ao desejo de ter uma renda minha, procurei um estágio remunerado. Meu alvo era uma escola inovadora de Brasília, que, a meu ver, fazia muito sentido na prática que eu acreditava: uma infância em contato com a natureza. Uma infância respeitada em seu tempo, seu movimento.

Por dois anos estagiei nesse ambiente que me fez crescer muito e pensar na relação da natureza com a infância, e na minha própria relação ao longo da vida com essa magnitude que nos cerca e nos faz estar aqui presentes. Estar nesse ambiente sendo educadora me fez olhar para a natureza com uma curiosidade aguçada, pois eu enxergava como as crianças, especialmente no quintal, eram felizes. Felizes, criativas, livres. Brincavam como quem desejava nunca sair desse momento. Subiam nas árvores, catavam frutos, faziam comidinhas da natureza, se aventuravam nas mais diversas situações que aquele local possibilitava.

Na minha infância, ter um quintal para brincar com meus amigos na escola era um sonho distante. O que tinha em todos os lugares nos quais estudei eram pátios para recreação. Com cerâmica e concreto. E não, não é uma reclamação em relação à educação que tive. Eu agradeço imensamente por todos os lugares que passei e me constituí a pessoa que sou hoje. Na época não era uma falta. Não me sentia insatisfeita, pelo contrário. Simplesmente vivia a vida que eu tinha e era feliz assim. Mas eu amava olhar pela janela do ônibus e ver as árvores, as flores, a grama, os passarinhos. Minha mente viajava naquele visual, e até hoje é assim. Acredito que hoje muito mais forte. Quando me sinto perdida, tento respirar e o simples ato de enxergar a beleza na natureza me deixa mais tranquila. Eu admiro sua magnitude. Seus traços retorcidos, suas folhas secas, suas flores, o sol por entre os galhos, por entre o verde, o roxo, o rosa, o amarelo.

Quando pequena, brincava muito de boneca e gostava. Era para mim uma brincadeira segura e, até certo momento, fazia muito sentido. Tinha uma boneca da Emília, pois e, como muitas crianças da minha geração, amava o Sítio do Picapau Amarelo. A Emília era uma figura engraçada e desafiadora, e isso me instigava. Mas não era só ela, tinha várias outras bonecas, era minha brincadeira preferida. Além delas, brinquedos que imitavam os afazeres de casa, como panelinhas para fazer comida. E era isso. Até quando as meninas estarão presas nesses lugares que parecem tão fixos serem delas? Aprender a cuidar da casa, das crianças? Por meio das brincadeiras experimentamos o mundo. Por que reduzir a experiência de mundo das meninas a filhos e casa?

A minha sorte foi ter tido, em um período da vida, minha existência compartilhada com meus primos. Eu tinha vários, mas dois, em particular, uma menina e um menino, fizeram da minha infância, até os oito anos, um mundo divertido de se estar. Morávamos com nossos avós, e nós três estávamos juntos em nossas tardes. Estávamos juntos em nossas aventuras. A rua era um ambiente nosso. Brincar de bolinha de gude era um grande desafio pra mim, e eu não sabia o que me encantava mais, o barulho que as bolinhas faziam ao bater, a maneira tão articulada que meus primos tinham de jogar ou a beleza das bolas, seus tamanhos, texturas e cores. Soltávamos pipa no lote em frente a nossa casa, corríamos para comprar balinha na venda, quando meu avô ou alguma outra pessoa nos dava moedas. Um episódio com minha prima me marcou bastante. Um dia assistimos a um filme cujo nome não lembro, pois minha memória falha não me deixa recordar de muitas coisas, mas que a situação era a seguinte: algumas amigas guardaram coisas queridas para elas em uma caixa, a enterraram em um local para abrir alguns anos depois e recordar do que era importante na época, o que fazia sentido. Então, claro, eu e

minha prima pensamos em fazer o mesmo. Selecionamos algumas coisas, e entre as coisas que selecionei e que consigo recordar estava uma boneca bem pequena, uns papéis, uma decoração de natal. Escavamos um lugar no lote em frente à casa dos nossos avós e enterramos. E não, não esperamos anos para recuperar, e sim alguns dias... Mas não armazenamos do jeito adequado, e quando retiramos, as coisas estavam molhadas e bem disformes... Mas isso não importava. O importante era o desafio, a brincadeira muito séria dessa aventura.

Depois disso, o que se passou foi um afastamento com a vida do lado de fora da caixinha cimentada. Da casa dos avós para um apartamento, quase sozinha em meus dias que pareciam tão longos. A mudança para uma casa um tempo depois foi revigorante, pois pude ir para o lado de fora sem medo: a bicicleta era uma aliada. O condomínio para o qual mudei, lugar em que vivo até hoje, possibilitava uma ampla possibilidade de vivências ao ar livre, como pedaladas radicais por entre as ruas com seus paralelepípedos dolorosos a joelhos nus ou em lotes repletos de terra para casas ainda não construídas, corridas escapando de vilões imaginários, passeios a pé com amizades que marcaram essa época da minha vida - e que têm um espaço no meu coração que ninguém tira -, mergulhos na cachoeira, observações do pôr do sol por entre as cercas...

A infância, as relações de afeto construídas nessa fase, as brincadeiras proporcionadas, as memórias feitas... tudo isso é estruturante para o adulto que se forma. O brincar livre, o brincar que revela a cultura vivida, o brincar possível, o contato com a rua, com a natureza, com o céu, a grama, a árvore, a terra. A natureza para mim sempre fez sentido, é causadora de imensa calma e a conexão criada com ela me faz enxergar sua importância, sua potência curadora e criadora.

INTRODUÇÃO

*A verdade mostra
Que o amor nos olhos
Da criança
É muito mais fiel
E generoso.
É muito mais
Impetuoso.*

Castello Branco

A natureza é um lugar de liberdade. É possível construir um forte contra o lobo mau com todas as pedras que a força dos braços de uma criança possa carregar. Subir em uma árvore e se proclamar rainha de todas as formigas do ambiente! Escorregar em uma ladeira de grama em cima de um pedaço de papelão pode ser o maior motivo de produção de adrenalina que se tenha notícia em uma manhã de quarta-feira. A questão é: as crianças estão tendo a possibilidade de explorar a natureza em sua infância? Como é vivida essa relação hoje em dia?

Cada vez mais há um distanciamento da infância com suas raízes e ancestralidade: a natureza. As crianças estão em suas casas e escolas, repletas de tijolos e concreto. Parquinhos emborrachados, e claro, sem areia, para não sujar a roupa. Subir em uma árvore nem em pensamento! Encontrar algum bichinho pelo caminho é causa de desespero. Por que não possibilitamos de maneira concreta às crianças a naturalização do contato com o verde, com a areia, com a água, com a grama, com a terra, com o mato, com o desafio de se (re)conhecer no natural? O afastamento da natureza pode causar uma enorme falta de sensibilidade com a questão ambiental. Além disso, quais as consequências que esse afastamento pode causar? Será que é reversível? Podemos evitar? Por que nossas prioridades hoje são outras?

Em um país tão grande, diverso e rico, acompanhar nosso panorama político, no atual governo, enche o coração de revolta e preocupação. Grandes cortes de gastos para o Ministério do Meio Ambiente. Promessas políticas de acabar com multas ambientais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA), que na opinião do atual presidente da República, atrapalham empresários e produtores brasileiros, e pior ainda, passos concretos para que se dificulte a aplicação de multas ambientais estão sendo dados. Defesa de ruralistas e empresários não comprometidos com o meio ambiente. Um presidente que se nega a demarcar terras indígenas. Que desqualifica e nega dados científicos sobre o desmatamento. Sim, é mais que preocupante! O afastamento da natureza vem ocorrendo há tempos e são essas algumas consequências da falta de conexão com nossas raízes naturais: a ignorância e o descaso

ambiental. Como se não houvesse consequências de nossos atos mortais e vorazes frente ao meio ambiente, como se os recursos fossem infinitos, como se os ciclos e o tempo de espera não existissem, como se a natureza tivesse obrigação de nos servir, integrando o sistema de produção capitalista, e nós, meros mortais, fossemos seus reis e senhores.

Quando o Brasil foi invadido pelos portugueses, havia aproximadamente 500 milhões de indígenas vivendo em suas tribos, com seus costumes, suas famílias, seus rituais, suas crenças. Pelo Censo IBGE de 2010, a quantidade de pessoas que se considera indígena chega a um total de 896.917. Isso significa 0,47% da população total do país. Onde foram parar as pessoas que vivem da natureza e a respeitam como entidade superior e mantenedora da vida? Com a sede de domínio dos povos, simplesmente foram devastados. Violentados, explorados e assassinados. Aprender com eles e com sua forte conexão com a terra nem era cogitado. Pelo contrário, catequizar e explorar era o que se deveria fazer. Se fomos capazes de tratar seres humanos como escravos, tais como os indígenas e os africanos, o que se dirá então das árvores, as das águas, dos animais? Viemos de uma história de exploração e morte. Somos frutos dessa história. Quando vamos possibilitar e efetivar uma mudança? Notícias sobre chicoteamento dentro de um supermercado. A um ser humano que furtava chocolates. Um homem negro. Setembro de 2019. É absurdo pensar que isso esteja acontecendo. Se não temos sensibilidade uns com os outros, dificilmente teremos com o meio ambiente. Como cuidar do nosso planeta e da nossa relação com o meio ambiente respeitando a nós mesmos e à natureza?

“Antes da presença do homem sobre o Planeta, o que havia era só a natureza” (SANTOS, 1996, p.89). Sim, antes a manifestação da natureza era consideravelmente mais esplendorosa, com certeza bem mais que nos dias atuais, dias esses que tendemos a considerá-la uma fonte material para nossas ambições humanas. E nem precisamos ir tão longe para termos um exemplo concreto disso. Nosso país, “tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”, como afirmam Jorge Ben Jor e Wilson Simonal, possui um bioma riquíssimo, de aproximadamente 4,196.943 milhões de km², com a maior bacia hidrográfica do mundo, cobrindo cerca de 6 milhões de km², com mais de 1100 afluentes: a Amazônia. Desde o século XIX, com a Revolução Industrial, a floresta já era explorada para benefício humano. Na década de 70, já 14 milhões de hectares foram desmatados. A pecuária, desmatamento e a extração ilegal de madeira são algumas das causas da devastação desse lugar tão cheio de vida.

De fato, a atuação humana no mundo aumenta, e aumentam também as atividades produtivas e econômicas, mas o que vemos é o uso desenfreado das riquezas naturais que os países possuem. No ano em que este trabalho é escrito, a Amazônia sofre o maior índice de

queimadas desde o ano de 2010. E o que está por trás dos 40 mil focos de incêndio que atingiram a floresta, como afirma Magalhães et al. (2019), é a exploração econômica. Trabalhando em uma escola com uma área verde grande, com um espaço de natureza que poucas escolas têm, possibilitando as mais diversas sensações e experiências às crianças que lá estudam, sinto. Sinto forte a urgência do contato com a natureza ser estruturante, ser fundante, ser essencial. 20 de agosto de 2019. Um dia em que a seca de Brasília mostra toda sua cara. Um dia em que as notícias sobre a queimada de gigantescas áreas da Amazônia e do Pantanal - queimando há 16 dias - apareceram com mais vigor nas redes sociais, provocando os mais tristes sentimentos de Amazônia se desfazendo, indo embora. No dia anterior, São Paulo escureceu às 16h da tarde. Dias sombrios, literalmente. A natureza sendo tão desvalorizada que dói abrir as notícias, olhar para nosso atual panorama. Pensar que nossas raízes, nossa ancestralidade, nossa força e razão de ser e existir, se encontra em um lugar de desdém cada vez maior. Em meio a tudo isso, o calor sufocante do cerrado... a grama da escola tão seca, o aspersor fazendo seu trabalho e uma turma muito empolgada chega e não perde tempo, adentra no vai e vem da água do aspersor. Se divertem com as voltas, com a água (mesmo que fina), mesmo que não os deixem tão molhados quanto possivelmente gostariam. Dão pulos, tiram suas roupas, ficam de calcinha e cueca e alguns até mesmo se entregam à nudez inocente que a infância proporciona. E uma borboleta aparece. Verde, com asas idênticas a folhas das árvores. Ela vem e nos chama atenção, nos faz notar sua beleza. Esse pequeno ato, seu aparecimento, nos enche de uma renovação na alma. Nos faz parar por alguns segundos para observá-la. Nos faz notar seu voo, seus detalhes, sua similaridade com o verde das folhas e seus traços. As crianças, empolgadas, gritam: “A borboleta parece uma folha! A borboleta parece uma folha!”, e a felicidade em seus rostos denuncia como a natureza é poderosa em seu esplendor. Tirar das crianças a possibilidade de se relacionar com a natureza é tirar um aspecto fundamental de criação de amorosidade com o que nos faz existir. Tirar delas a ligação com a terra é não ajudá-las a construir uma relação de cuidado com o que nos faz vivos.

O ser humano está no mundo, nele se cria e é criado por ele. Desenvolve ferramentas, cria cultura, cria costumes. Desenvolvemo-nos mediante nossa evolução no mundo e, para isso, transformamos a natureza, criando o espaço geográfico em que vivemos. “A história humana tem sido a história de conhecer e compreender a natureza. É a história de apropriação e transformação da natureza.” (RODRIGUES, 2008, p. 10). É ideal, porém, que saibamos desenvolvê-lo sabendo respeitar os limites que a natureza demonstra. Acredito fielmente que seja muito mais fácil conseguir que isso aconteça se criarmos, desde cedo, uma sensibilidade

ambiental com as crianças. Como afirma Sampaio (1989), Freinet já percebia, na cidade em que lecionava, no interior da França, que as crianças desejam estar do lado de fora. E o estar do lado de fora, em contato com a natureza, proporcionava experiências incríveis a eles:

Passeavam pelos campos que, ao se transformarem conforme as estações, aguçavam a curiosidade das crianças: as flores que se abriam na primavera, mais tarde os frutos que ficavam maduros, em seguida e colheita. Tudo era percebido. Além do trabalho dos camponeses, observavam os pássaros, as nuvens, o vento, a cor das matas que cobriam os morros ao redor do vale, a água do rio que subia e baixava. Eram momentos mágicos. A força da natureza sensibilizava cada uma das crianças de acordo com sua personalidade, sua percepção de mundo e sua curiosidade. (SAMPAIO, 1989, p. 16)

Que saibamos nos desenvolver e crescer sem acabar com nossa casa primeira e fundamental, base de tudo, a natureza, que sim, é um local de aprendizado. E isso fica claro com as vivências que me foram possibilitadas no estágio não obrigatório realizado por dois anos na Escola da Árvore, com uma observação cuidadosa em relação às brincadeiras e ao processo de aprendizado atrelado ao convívio cotidiano com a natureza, com o respirar a terra molhada ou o ar seco, as visitas inesperadas no quintal de bichinhos que se sentem confortáveis em ali estar, as sensações que só o meio ambiente pode proporcionar.

A Escola da Árvore localiza-se em uma chácara, no Lago Norte, Distrito Federal. É uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental I – anos iniciais. Surgiu em 2015, e baseia sua prática acreditando no poder transformador da educação, sendo um lugar integrado à natureza, que respeita os sentimentos e expressões dos indivíduos. A prática cotidiana desenvolve-se por meio de projetos, cada qual conversando com os interesses das crianças. Tem três eixos principais: movimento, diversidade e natureza. Em relação ao movimento, há a reflexão sobre o próprio corpo, sobre como seus movimentos podem possibilitar experiências, mas também sobre seus limites. A diversidade se relaciona à múltipla realidade que nos cerca, em todos os aspectos, percebendo que somos parte de algo maior, cada qual com características diferenciadas, compondo o todo, que é nossa sociedade. E o contato com a natureza, aprendendo sobre seus ciclos, seus movimentos, e criando uma relação de pertencimento. É um lugar com um ambiente incrível e privilegiado em relação à natureza. São tantos pés de fruta que fica difícil contar: manga, laranja, tangerina, caqui, carambola, seriguela, jabuticaba, framboesa, limão, acerola, romã, pitanga, cajá-manga, caju, graviola, maracujá, banana. Há uma horta, com plantações de milho, couve, cebola, feijão, alho poró, alface, rúcula, alecrim, manjerição, tomate. Tem espaço à beça para correr, pular, gritar, dançar. Tem pedra e árvore para subir, tem terra para cavar, tem folha seca pra brincar. As salas de aula estão dispostas por esse espaço, e

no total são seis, todas com nome de espécies do cerrado: Guapuruvu, Faveiro, Duguetia, Embaúba, Caliandra e Saputá. O escritório da escola fica no meio do quintal, interligado a todas essas salas. O quintal é o lugar que pulsa a vida da escola. É onde as crianças se encontram, aproveitam cada espacinho e momento, e experienciam o contato cotidiano com a natureza.

Figura 1 – Quintal.



Fonte: Autora (2018)

Estar em um local com uma natureza pulsante e atrelada a todos que lá estão tocou meu coração para o tema deste trabalho, que tem o objetivo de **refletir acerca da importância da natureza como espaço educativo e contexto privilegiado do brincar na infância**. Para isso, a intenção é investigar, no quintal¹ de uma escola, as práticas educativas e brincadeiras vividas no cotidiano das crianças.

Os objetivos específicos têm a intenção de nos fazer olhar com carinho para a relação das crianças com a natureza. São eles: compreender o que é a natureza e as relações que nela se estabelecem com a vida e a educação, considerando principalmente os povos tradicionais

¹ No decorrer do trabalho, quando a palavra “quintal” for usada, refere-se ao quintal da Escola da Árvore, local no qual a pesquisa para o trabalho foi realizada.

indígenas, matriz fundante do Brasil; refletir acerca da nossa relação com a natureza na contemporaneidade; discutir as consequências que o distanciamento da natureza na infância pode causar na vida das crianças e do planeta; observar brincadeiras das crianças no quintal de uma escola; e refletir sobre como o convívio com a natureza possibilita diversos caminhos para a educação e o brincar das crianças.

A investigação se deu por meio de observação participante e gravação de voz das crianças em alguns momentos, mas, que na transcrição para o trabalho, têm seus nomes preservados. O período de observação se deu no segundo semestre de 2019, e a idade das crianças é de 3 e 4 anos. As reflexões realizadas implicam a subjetividade da pesquisadora, que, sendo também educadora das crianças, desenvolveu uma postura indagadora e reflexiva em direção às brincadeiras das crianças no quintal, que algumas vezes exigiram a sua mediação e, em outras, seu olhar contemplativo e uma escuta apaixonada.

Optou-se por colocar alguns episódios observados ao longo de vários capítulos, na medida em que a prática educativa precisava conversar com a teoria. São episódios escolhidos por serem provocativos para o desenvolvimento do trabalho, exemplificando, no quintal de uma escola repleta de natureza, aspectos teóricos estudados na academia.

CAPÍTULO 1 - CRIANÇA NA NATUREZA? ISSO AINDA EXISTE?

A natureza é nossa casa, tudo que existe habita nela e por conta dela, mas o que de fato ela significa? São muitas as definições e ideias acerca da temática, e nesse capítulo é feita uma reflexão sobre a natureza e nossa relação com essa magnitude soberana que permite que continuemos a existir. Além disso, também é trazida a relação dos povos indígenas com a terra, pois deles herdamos muito do que somos, e esses povos têm uma ligação muito forte com o que nos faz vivos, as florestas, as águas, os animais, ou seja, tudo que a natureza nos proporciona sentir, viver e usufruir. Por fim, é feita uma reflexão sobre nosso contato atual com a natureza: as crianças ainda sobem em uma árvore? Ainda entregam sua energia e força vital à natureza, a aprender e brincar em espaços abertos e livres de tijolo e cimento?

1.1. O QUE É NATUREZA?

“O chão.” A., 3 anos.
“Árvores, a grama, os bichos.” B., 4 anos.
“É onde tem que cuidar bem... a natureza vai ter que regar pra crescer.” C., 4 anos.
“Grama, árvore, folha, framboesa, arbusto, planta.
Só. Se você precisar de mim, eu tô comendo framboesa!” D., 4 anos.

A natureza é vida. É árvore, é chão, é grama, é bicho, é folha, é fruta, é planta. Da natureza viemos e para ela voltamos. Ela sou eu e você. É respirar, e respirar fundo. É sentir o vento batendo bem perto e balançando a roupa, o cabelo. É o sol queimando, é a chuva molhando. É a corrida apressada do calango, o bater rápido das asas do beija-flor, a casa do João-de-Barro, o pouso sutil da borboleta nas folhas, o zunido da abelha pregada no cabelo, a formiga subindo a árvore, o macaquinho pulando de galho em galho, é o canto do passarinho. É o espinho da framboeseira, a manga madura caindo da árvore, a graviola crescendo de maneira assustadora, o milho e a cebola e a couve da horta, o crescer de uma árvore vista aos pouquinhos. É o regar, o plantar, o colher. É lugar de criação. De exploração das potencialidades criativas da criança. É um lugar de experimentação em liberdade para que se fortaleça a relação entre ser humano e o que o faz vivo.

Essas e tantas situações são observadas de perto na relação das crianças em um ambiente repleto de natureza. As crianças no quintal têm a possibilidade de viver e experienciar

esse contato, tão importante, mas tão negligenciado. Em um dia, bem cedo, uma criança chega à escola, e sem nenhuma outra criança para brincar, não se vê entediada. Consigo flagrar o momento, enquanto passo de uma sala para outra, da criança subindo em uma pedra grande, se posicionando contra o sol e brincando de fazer sombras. Brinca com seu corpo, com a luz solar, com o espaço da natureza. Brinca como se naquele momento não houvesse a chance de estar em outro lugar, fazendo qualquer outra coisa. É bonito de ver, é sincero, real, espontâneo e autêntico.

A natureza esteve aqui desde sempre. Ela está antes de existirmos e estará depois que partirmos. Porque a natureza é simplesmente tudo o que existe. Ela é um guia para experiências e da vida humana. Nos primórdios, as cavernas eram abrigos. E desde lá, utilizamos a natureza para criar ferramentas de sobrevivência. Extraímos da natureza os alimentos, caçávamos os animais para comer e assim permanecemos vivos. Como explicam Naves e Bernardes (2014), as relações do ser humano com a natureza, em sua gênese, eram guiadas por meio da nossa dependência às condições naturais. Éramos nômades, buscávamos nos adaptar nos diversos lugares disponíveis, à mercê do clima, das condições naturais. Mendes (2014) afirma que há 10.000 anos todas as regiões do mundo, menos a Antártida, estavam povoadas, e cada grupo se adaptando ao meio ambiente, em uma relação de harmonia.

Dada a impossibilidade de dominar o meio circundante, a relação com o meio se dava por aquilo que a Antropologia chama de antropomorfismo, animismo e magia/fetichismo, que são formas de compreensão do espaço através da criação de valores humanos e surreais para os fenômenos naturais. Conforme explica Pelizzoli, (2004), o advento desta formulação não é a razão da ciência, não é a lógica formal do conhecimento, mas a adoração e veneração do que não se deixa dominar. (NAVES; BERNARDES, 2014, p. 11)

Dessa forma, a natureza era vista por uma perspectiva sagrada. Os seres humanos primitivos sentiam reverência, veneração, respeito e até temor pela natureza. Praticavam rituais que demonstravam esses sentimentos, e essa harmonia era claramente vista na organização dos grupos existentes (MENDES, 2014). O ser humano era considerado parte da natureza. Ela era reverenciada, como deveria ser até hoje. Enxergar seu papel de razão da possibilidade de vida humana, enxergar que somos parte dela e o mínimo que devemos fazer é cuidar, agindo de maneira respeitosa, mesmo que pensando em nosso desenvolvimento enquanto sociedade, é de fundamental importância para a manutenção da existência das florestas, dos oceanos, das vidas que lá habitam. Muitas e muitas vezes passamos dos limites. O litoral nordestino brasileiro, enquanto esse trabalho de conclusão é escrito, é invadido por gigantescas manchas de óleo em

suas águas, provocando a contaminação dos mares e a consequente morte dos animais que por ali vivem. Passamos dos limites.

A sociedade evoluiu do nomadismo até o momento em que era possível fixar-se em um determinado local e conseguir viver por um bom tempo, e isso se deu por meio do desenvolvimento da agricultura. Mais tempo para aperfeiçoar técnicas, para manifestar-se culturalmente. E a relação com a natureza se dava de forma “mais complexa e caracterizada pela criação de mitos, pelos quais o homem buscava afirmar, por meio de narrativas, poemas e histórias, o seu lugar no cosmo” (NAVES; BERNARDES; 2014, p. 12). Porém, a partir da instalação da agricultura na vida humana, a domesticação dos animais, o sedentarismo, as mudanças começaram a ser bastante significativas. As cidades surgiram, as relações se tornaram bem mais complexas. O ser humano foi se desenvolvendo, e à medida que esse desenvolvimento foi crescendo, cresceram também as mudanças na relação com a natureza. Percebemos, com o decorrer da nossa história, o poder de alterar a dinâmica do meio ambiente, e a ação humana caminhou para o afastamento da perspectiva de reverência à natureza, para a aproximação da perspectiva de exploração.

A passagem do modo de organização social para um estágio onde se perde a relação mágica com o ambiente, (...) representa também o fim de uma sociedade igualitária, possuidora de uma ordenação jurídica dotada de algo que bem se pode chamar de naturalidade. É quando se instaura igualmente a rebelião contra a Natureza, da qual o homem não se concebe mais como parte, passando a torná-la objeto de conquista e exploração. (GUERRA FILHO, 1987, p. 165, apud MENDES, 2014, p. 1632).

Seria impossível a sociedade permanecer no mesmo lugar com descobertas e invenções tão ricas. Somos seres criativos, criamos cultura, imaginamos, desenvolvemos nossas potencialidades, pensamos em mil e uma alternativas e caminhos. Sendo assim, a descoberta de algo que nos permitiria controlar onde ficarmos e por quanto tempo, o poder que nos foi colocado em vista foi algo que permitiu gerar outro tipo de pensamento e dinâmica: nos vimos como seres superiores, mais capazes. Porém:

Nosso propósito de controlar a natureza e, como seus senhores, o desejo de submetê-la ao nosso arbítrio, tornou-nos insensíveis diante dela e de nossa participação em sua constituição. Limitou, pois, nossa compreensão do mundo natural. O resultado é um desastre ecológico que ameaça a nossa existência como seres humanos. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 127)

Nossa relação com a natureza mudou, e seguiu para um caminho de uma visão antropocêntrica, com o humano em oposição à natureza, sendo aquele “mais forte” que esta. A natureza passou a ser vista como recurso e objeto da ação humana. Mas, como afirma Reis (2012):

Se a pretensão de domínio sobre a natureza representou ao longo da aventura humana a possibilidade de emancipação do homem em relação aos determinismos biofísicos, a história se encarregou de mostrar que essa emancipação nunca se realizou plenamente. Mais que isso, essa autonomia, construída pelas vias do avanço científico e tecnológico, provocou novas formas de dependências, ameaças e riscos tanto para a vida humana quanto para a vida não humana. (REIS, 2012, p. 2)

Infelizmente a natureza passou a ser vista majoritariamente apenas como um recurso, um objeto para a ação humana. Como se a natureza fosse uma fonte inesgotável de materiais para nosso próprio benefício, como se pudéssemos extrair cada vez mais, sem nos preocuparmos com nada. Filho (1999) afirma que a natureza é, em boa parte, socialmente produzida, assim como seu significado social: “a visão de mundo vai sendo modificada em decorrência das mudanças na relação do homem com a natureza, na busca da satisfação de suas necessidades ou dos interesses da classe dominante” (FILHO, 1999, p. 16). Acostumamo-nos a uma intensa exploração da natureza, porque acostumamo-nos com o consumo desenfreado, com a ideia de sermos os seres que dominam. Fogo nas florestas, óleo nos mares, lama nos rios. A natureza grita, sofre. A cada ação produzida, uma reação e consequência. Tiriba (2010) nos alerta que sete milhões de hectares são devastados por ano, sessenta bilhões de toneladas de recursos são extraídos anualmente; um em cada quatro mamíferos pode desaparecer por conta da caça, da mudança do clima, da destruição dos habitats... E são dados que a autora recolheu do ano de 2010. É urgente a preocupação com a natureza, antes reverenciada e hoje atacada. O Relatório Planeta Vivo do ano de 2018, nos mostra que o índice global aponta uma queda geral de 60% nos tamanhos das populações de vertebrados entre 1970 e 2014, com base em dados disponíveis para todas as regiões e espécies de animais. Além disso:

Em março de 2018, a Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES) divulgou sua mais recente Avaliação de Degradação e Restauração dos Solos (LDRA), que constatou que apenas um quarto dos solos da Terra está isento de forma significativa dos impactos das atividades humanas. A projeção é que essa fração seja reduzida para apenas um décimo até 2050. (WWF, 2018, p. 12)

A degradação do solo inclui a perda de florestas, a perda de florestas inclui a perda de vidas, de natureza. Como afirma Tiriba (2010), se há uma preocupação com o futuro do planeta,

se quisermos parar a destruição em curso, é necessário transformação na maneira de pensar, sentir e educar. É o papel da educação também ensinar as crianças a cuidar da Terra, além dos princípios da democracia, respeito às diferenças, cidadania.

O homem que transforma, com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação. Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano. (BRANDÃO, 1981, p. 14)

Retomar a criação da afinidade com o meio ambiente pode salvar a natureza de tantas atrocidades que cometemos. É mais fácil fazer desde cedo com que as pessoas se preocupem com a natureza do que depois de muitos anos de exploração desenfreada e sem consciência, de desperdício, de descaso. Que saibamos passar a mensagem certa, pois temos passado, na maior parte do tempo, a mensagem de desrespeito. Transformamos. Continuaremos a transformar, a cada dia que passa isso fica mais claro, com todo desenvolvimento tecnológico que obtemos com as descobertas que adquirimos. Mas que saibamos nos desenvolver e crescer sem acabar com nossa casa primeira e fundamental, base de tudo, a natureza, que sim, é um local de aprendizado. Criar nas crianças um senso de responsabilidade não com atividades de escrita do porquê de preservar, nem o porquê da importância de não desmatar, mas fazer com que elas sintam na pele o casco da árvore, um animal nascendo, uma flor desabrochar, é fazer com que elas saibam que é importante para a vida que a natureza se mantenha de pé.

1.2. OS POVOS INDÍGENAS E SUA CONEXÃO COM A TERRA

*Terra para o pé firmeza
Terra para a mão carícia
Outros astros lhe são guia...
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?*

Caetano Veloso

Nós, enquanto sociedade brasileira colonizada, esquecemos de aprender com sinceridade e verdade o que os indígenas tinham, desde a colonização, e têm, até hoje, a nos ensinar em relação ao cuidado e conexão com a terra. A natureza é parte de nós, e essa reflexão

é muito mais acentuada com os povos indígenas. Para eles, a vida cotidiana é norteadada pelos saberes entrelaçados à natureza, pelo tempo de espera para plantar e colher, pelas técnicas desenvolvidas para caçar, cozinhar, criar ferramentas. Porém, tudo desenvolvido com extremo respeito. São diversas as etnias indígenas. Seria desrespeitoso tratá-los de forma generalizada, como são, em muitos casos. Mas, de certo, algo a ser destacado é que a relação dos povos tradicionais com a natureza difere em muito da nossa relação atual. É uma relação não de exploração econômica, mas de subsistência, reciprocidade. São laços fortes e valores firmes com a terra, de respeito, admiração e cuidado.

Culturalmente, a natureza representa para os indígenas muito mais do que um meio de subsistência. Representa o suporte da vida social e está diretamente ligada aos sistemas de crenças e conhecimentos, além de uma relação histórica. (SOUZA, 2015, p. 89)

Pensando na extensão territorial do Brasil, é importante destacar que em cada local sempre houve diferentes tribos indígenas, e assim, diferentes relações, habitações, tradições, etc. A Amazônia é um dos locais com maior diversidade biológica do planeta, e as relações que lá se estabeleceram foram e são de grande relevância para o país e para mundo. De acordo com Morán (1990), os exploradores europeus encontraram ao longo das margens dos rios, na Amazônia, populações diversas, mas que foram exterminadas tão logo: no primeiro século de contato, a dizimação, ocorrida principalmente por meio de doenças trazidas pelos europeus, foi entre 50 e 95% da população. O autor afirma que nos séculos XVI e XVII, o impacto principal foi dos missionários, epidemias e guerras de conquista ao longo dos rios.

A relação estabelecida nesse local entre os povos tradicionais amazônicos e a natureza e seus recursos, são de uma capacidade harmônica no modo de viver, sendo esses povos ocupantes dessas terras há milênios, em uma coexistência com profunda familiaridade com a natureza (SOUZA, 2015). Nossa relação com nossa casa, nossa cidade, nosso ambiente de trabalho... É familiar? É reconhecido como parte de nós? É olhado com respeito, com afeto, com cuidado? Infelizmente, para muitas pessoas, a resposta para essas perguntas é “não”. E a culpa, se é que ela existe, acaba por não ser individual, mas sim coletiva. Aprendemos, com o passar do tempo, a nos afastar do meio natural, a não considerá-lo como parte de nós, como parte estruturante de nossas vidas. Nossas casas e ambientes de trabalho se materializam distantes física, social e culturalmente da natureza. Assim, nos tornamos um amontoado de cimento, tijolo, construções firmes, fortes, “seguras” e artificiais. Não que as populações originárias tenham permanecido passivas frente à natureza, sem modificar em nada sua

composição. É natural do ser humano nos adaptarmos, e, concomitantemente, adaptarmos o local em que vivemos. Mas, sociedades indígenas e ambiente evoluíram em conjunto, sendo uma história comum de evolução, com respeito à floresta e tudo que a envolve. Antes da invasão europeia, “esta era uma região densamente povoada por sociedades que modificaram o ambiente tropical sem destruir suas grandes regulações ecológicas” (CASTRO, 2007, p. 5). Culturalmente, a natureza é vista, pelos indígenas, como algo a ser reverenciado. Já os homens brancos e ocidentais que chegaram para a invasão desse espaço, olharam com olhos bem diferenciados essa relação.

Dos colonizadores herdamos essa ideia de que a terra, a floresta é “mato”. Devemos desmatar, civilizar e destruir a vida que está nela. Os índios sempre foram considerados incultos e incivilizados porque vivem no mato. Estrada e asfalto são confundidos com civilização. (GADOTTI, 2000, p. 22)

Dessa forma, acostumamo-nos ao olhar colonizado. Enquanto os indígenas observam a natureza com uma visão intuitiva, não-linear, mas também racional, manifestada de forma cuidadosa (LIMA, 2008), nós observamos de maneira exploratória. A autora ainda afirma que, mediante essa forma de ver e interpretar o mundo, os povos da floresta não separam razão e emoção, mas unem esses elementos:

(...) para melhor entender a melodia dos pássaros, dos ventos, das águas escuras dos braços de rios do Amazonas e de todas as matas e florestas; ou para compreender o jogo misterioso entre a fauna e a flora que, na sua cadência, forma a cadeia ambiental da vida. Os entendem integrando-se a eles para vê-los como parte de um todo maior, tecendo à sua maneira uma conversa entre os sistemas como um todo. Ao integrar-se ao mundo, não o percebem como se estivessem fora dele, observando-o para apenas descrevê-lo, mas se consideram seres participantes do mundo, que produzem um conhecimento a partir dessa conjunção que expressa as propriedades de autonomia e dependência em relação ao contexto em que foi gerado. (LIMA, 2008, p. 3)

A natureza é parte deles, integram-se ao mundo natural para dele fazerem parte e se constituírem como integrantes de um todo maior. A perspectiva de não ser o centro, o dominador, o “civilizado” é algo que deveríamos aprender com os indígenas. Observar com atenção a natureza para com ela aprender e com ela conviver. Boldo para o estômago; alho como antisséptico natural; alecrim, camomila e lavanda para acalmar o estresse, tratar ansiedade e nervosismo; barbatimão, arnica, copaíba e babaçu para cicatrização; gengibre e pequi para distúrbios respiratórios; romã para dor de garganta, tanchagem para infecção urinária; casca do ipê roxo para inflamações em geral, jatobá e arruda como vermífugo natural... Entre milhares

de usos dos elementos da natureza para nos auxiliar em nossa vida, para nos curar, nos alimentar, resolver nossos dilemas internos e externos. Sem contar que cada elemento natural não possui apenas uma finalidade, mas diversas. Na maioria das vezes, recorremos para os remédios laboratoriais, que vêm de uma grande indústria que... utiliza elementos da natureza! Por ser mais prático, por não termos “tempo a perder”. Mal sabemos que já perdemos tanto, e não só tempo.

Os indígenas são pesquisadores, cientistas de sua prática. Estudam os ciclos da natureza, os hábitos dos animais, esperam o tempo certo para plantar e colher, observam. Observam atentamente.

A forma de criação da cultura desses povos passou por longos períodos de observação. Não foi conquista fácil e nem fruto do simples acaso, mas, ao contrário, supõe séculos de observação minuciosa, ativa e metódica, hipóteses ousadas e controladas, passíveis de serem rejeitadas ou confirmadas através de experiências incansavelmente repetidas. (LIMA, 2008, p. 3)

São precisos, dedicados, sabem olhar para o céu e se orientar, sabem o poder das plantas medicinais, caçam para comer, vivem em harmonia com a natureza sem a perspectiva do lucro. Trabalham e sabem admirar o trabalho dos animais na natureza. O trabalho das formigas, que vivem em conjunto, coletando, é respeitado. É admirado. Há uma integração que os conecta. A natureza, para eles, é responsável pelo desenvolvimento integral do ser, vai de uma visão olhando para a subsistência chegando até uma visão da espiritualidade.

No tocante ao aspecto da religião, verifica-se que, embora diferenciada em alguns elementos, a religião dos indígenas manifesta-se vinculada a crenças na força da natureza e nos espíritos de seus antepassados. Tudo está relacionado à mata, ao encantamento, com a fauna, a flora e os deuses. Seus rituais são relacionados aos animais e à floresta. (SOUZA, p. 93).

Os Munduruku são um povo indígena brasileiro. É o povo mais numeroso da região do sul do estado do Pará, mas também estão no Amazonas e no Mato Grosso. Povo de tradição guerreira, com seus costumes marcados. Tornaram-se conhecidos por cortar cabeças dos inimigos mortos, e após um ritual que incluía retirar cérebro, olhos e língua, mergulhar em azeite de andiroba, adornar com enfeites e fincar um pau, faziam delas seu maior troféu (ALENCAR, 2001, p. 12). Mas melhor que qualquer terceira pessoa falando sobre o que o outro sente em relação à natureza, ouvir o que os próprios indígenas Munduruku têm a dizer sobre isso traz uma riqueza ímpar para nosso entendimento. Esse povo escreveu uma carta ao governo, em junho de 2013, enquanto nossa sociedade *moderna e industrializada* planejava

construir uma usina em São Luiz dos Tapajós, visando a expansão do setor elétrico, mas alagando 40% da floresta Amazônica, destruindo suas terras e lugares sagrados.

Sabemos como funciona a lei da natureza através dos ensinamentos dos anciãos e como devemos respeitá-la. E os animais contribuem conosco porque eles nos ensinam as coisas que não sabemos, e podemos interpretar as mensagens que nos transmitem, isso é muito importante. Por isso nós respeitamos e eles também nos respeitam, é assim que vivemos em harmonia com a natureza. Os animais nos ensinam, nos avisam dos perigos que vão acontecer, seja ela coisa boa ou má. Os não índios diriam que isso é mau agouro, pra nós isso é real. As pessoas que desrespeitam a natureza, elas vão ter que sofrer as suas consequências devidas às suas ações. Não se deve brincar com a natureza e isso pra nós é muito perigoso, e por isso nós a respeitamos. Todos os animais têm quem cuide deles, portanto, eles têm mães, sejam peixes, sejam animais, aves, plantas, fogo, terra, ventos, águas, até seres espirituais, todos têm vidas. Elas precisam de respeito e são sagradas. Temos locais sagrados ao longo de nosso rio Tapajós que nós, Munduruku, não mexemos esses lugares. (CARTA, 2013)

As plantas ensinam, o céu ensina, os animais ensinam. A natureza é conectada a eles e eles a ela. E um conceito em construção dessa relação dos povos indígenas com a natureza é o Bem Viver. Segundo Bonin (2015), é uma filosofia que dá sentido às formas de organização social de povos e culturas da América Latina. Os princípios são os de reciprocidade entre as pessoas, amizade fraterna, convivência com outros seres da natureza e profundo respeito pela terra. Assim, há a formação de experiências sustentáveis. A terra está na base do Bem Viver, pois, para os povos indígenas, a terra é sagrada, sendo mais que um lugar onde se vive. “Para o Bem Viver, o ‘todo’ é a Pacha, conceito andino que muitas vezes foi traduzido simplesmente como Terra - daí a referência a Pacha Mama como a Mãe Terra” (SÓLON, 2019, p. 24). Reconhecimento e pertencimento ao conjunto são aspectos fundamentais para o Bem Viver, sendo que nossa relação com a *Pacha Mama* não tem que ser de controle, e sim de cuidado. “O objetivo do Bem viver é a busca do equilíbrio entre os diferentes elementos que compõem o todo. Uma harmonia não só entre seres humanos, mas também entre os humanos e a natureza, entre o material e o espiritual, entre o conhecimento e a sabedoria” (SÓLON, 2019, p. 28). Um dos pilares principais dessa filosofia é a harmonia entre seres humanos e natureza. Que seja possível, que seja real, que aprendamos, que nossas crianças aprendam, que nossas crianças enxerguem o poder da natureza, e o respeito que devemos ter para com ela. Para isso, é necessário contato. É necessário a criação de afinidade, é necessário conhecer. Às crianças hoje em dia, é possibilitada essa relação?

1.3. CONTEMPORANEAMENTE, AS CRIANÇAS TÊM CONTATO COM A NATUREZA? QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONTATO, E DE SUA AUSÊNCIA?

*Árvore fala por todo canto.
Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver?
Encoste seu ouvido aqui no meu tronco
Que você escuta meu coração bater.*

*Meu Pé de Laranja Lima
José Mauro de Vasconcelos*

Richard Louv, em seu livro *A última Criança na Natureza* afirma: “os mais velhos desfrutaram de um tipo de brincar livre e na natureza que parece, na era dos celulares para crianças, das mensagens instantâneas e da Nintendo, algo exótico”. (LOUV, 2016, p. 23). A realidade do autor é a dos Estados Unidos, outra dinâmica, certamente. Mas olhem agora para nossa própria história: nós, brasileiros, filhos da terra, dos indígenas que viviam agarrados a ela mais que a qualquer outra força, onde estamos? Olhem agora não para tão longe, mas para nossa infância e comparemos a das crianças que acompanhamos atualmente, nossos irmãos, nossos alunos, nossos filhos, e façamos a reflexão de que algo mudou. Algo mudou para a nova geração que chega, os chamados nativos digitais. Algo mudou para a dinâmica de ler um livro, das relações sociais, dos estudos. Algo mudou e continua mudando a cada minuto que passa, e a relação com a natureza também se alterou de maneira significativa.

Os nativos digitais são as pessoas que cresceram inseridas e cercadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, ou seja, que desde pequenas têm acesso às tecnologias que os imigrantes digitais foram conhecer depois: internet sem fio, smartphone, televisão digital, tablets, etc. (COELHO *et al.*, 2018). Crianças de dois anos (ou menos), que antes mesmo de falar uma palavra de forma inteligível, conseguem navegar por plataformas de entretenimento, escolhendo qual desenho passará seus bons minutos da infância, pulsante e viva, assistindo. “Ah, que graça, ele consegue mexer no celular com mais facilidade que eu!”, “Melhor colocar um desenho para assistir, assim ela fica quieta no carro”, “Coloca um filme aí para essa criança se entreter, assim não faz bagunça no restaurante!”. E assim vamos. Assim seguimos. Infelizmente, não é só no carro e no restaurante que a tecnologia é um instrumento para uma infância “menos ativa”. Os nativos, e até os imigrantes digitais, estão cada vez mais imersos no mundo da tecnologia. A escolha por ler um livro debaixo de uma árvore é com certeza mais

rara que trocar mensagens no celular em qualquer lugar que a conexão com a internet seja possível. Entregamos nossa energia a um dispositivo eletrônico.

O mundo de infinitudes de informações que dispomos se torna muito mais interessante que admirar as pequenas coisas que - ainda - temos disponíveis ao alcance dos olhos. A natureza é um lugar de acolhimento, e muitas vezes perdemos isso por estarmos nessa dinâmica de tanta informação, luz, mensagem, estímulo. Por meio do ócio criativo e sensitivo que podemos sentir estando com nossas mãos e mentes livres, dispostas a simplesmente vivenciar, podemos ter momentos como a de uma criança, no quintal, que, pensativo, recolhe folhas caídas e as despedaça, olhando para o dia que se faz passar. Pergunto o que está sentindo e responde que é “saudades da mamãe”. E tudo bem sentir saudades da mamãe, tudo bem estar sozinho e achar conforto ali, na grama, nas folhas e no simples sentir. Não se encontra preenchendo sua cabeça de informações a cada instante, tem espaço para sentir. E a questão não é tornar a tecnologia a vilã, pois ela é muito útil. A questão é possibilitar o contato e criação de afetividade com a natureza, é dispor de tempo de qualidade das crianças com as árvores, a grama, a água, a areia, os animais, os alimentos vindos diretamente da terra. É deixar, também, que sua criatividade aflore.

A materialidade do brincar (água, terra, fogo e ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar. As matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como o arco, as cordas do violino. Produz efeito esse encontro, um riquíssimo espectro de impressões e sentidos. Faz trabalhar uma imaginação vital. Uma imaginação que estabelece vínculo entre a criança e a natureza e tem capacidades específicas e maior plasticidade: é transformadora, regeneradora.” (PIORSKI, 2016, p. 19)

É curioso observar como as crianças se relacionam com a natureza disponível aos seus olhos, mãos, bocas, pés, ouvidos. No quintal, a observação desses momentos é bastante especial. Certa manhã, três crianças observando o galinheiro elaboram uma alimentação diferenciada para as galinhas. Presumem que elas sejam vegetarianas, então dão alimentos que imaginam ser saborosos: folhas secas caídas das árvores que se transformam em folhas com pitadas de azeite, casco de árvore que se transformam em cascas de tomate, e claro, muito milho.

Episódio 1

Quatro crianças em frente ao galinheiro, alimentando as galinhas.

Intervenção²: Folha, ela come folha?

A - Sim! Hahaha Ela é vegetariana. Aqui, com casca de azeite!

² Nas transcrições, “intervenção” é quando me permito mediar as situações das crianças no quintal, entendendo que em alguns momentos essa mediação pode ser positiva e trazer esclarecimentos aos episódios.

B - E casca de tomate!

A - Gente, vamo dar milho pra ela! Ela adora milho! Um monte de milho!

A - Que fofo, ela tem peninha!

C - Eu quero dar carinho nela!

Intervenção: Tem que ter cuidado, ela bica! Tá vendo?

C - Eu quero dar carinho nela, um pouquinho....

A - Eu vou dar um monte!!

D - Galinha!!!! Lembra que a gente ia salvar o papai? Então vamo salvar o papai.

A - Não, vamo jogar milho pro cachorro!

Intervenção: Ué, cachorro come milho?

A, B e C – Sim!!!

Figura 2 – Alimentando as galinhas.



Fonte: Autora (2019)

No mês de outubro, as visitas à framboeseira foi uma constante. Difícil é explicar para as crianças de três anos que é preciso esperar as framboesas ficarem roxinhas para que possam aproveitá-las em sua melhor forma. A ansiedade é tanta que as recolhem esbranquiçadas, ao mesmo tempo que afirmam, olhando em nossos olhos, que está uma delícia! Azedinha! Gostosa! Uma das primeiras coisas que a criança *R.* faz, no quintal, é perguntar: “vamos ver se tem uns moranguinhos ou umas framboesinhas?”. Quando encontram alguma framboesa roxinha, a felicidade é indescritível.

Figura 3 – Framboesa madura.



Fonte: Autora (2019)

E claro, existem também os momentos de “maldade” com as plantas, nos quais as crianças arrancam as folhas somente por arrancar, pisam, machucam as plantas. E aí entra o papel do professor mediador, explicando que a natureza tem vida e sente, que é um ser vivo, que ela sofre com esses pequenos atos, e mais tarde, explicar que os grandes atos também machucam muito mais. Um exemplo real e concreto disso é a ida das crianças à Câmara dos Deputados, no dia 29 de setembro de 2019. Visita das crianças de 3 turmas, de 4 a 12 anos, clamando por cuidados com a Amazônia e a vida que nela habita. A partir de uma roda de conversa iniciando o dia, as crianças trouxeram preocupação com a situação de queimadas da Amazônia. Disso, partiram para pesquisas sobre o bioma e sua importância para o Brasil e para o mundo. Dessa dinâmica, surgiu a vontade de manifestarem-se perante as autoridades brasileiras pedindo providências para a situação, e lá se foram, com cartas e declarações como “Não queimem a Amazônia”, “Floresta em pé e comida sem veneno”, “Salvem as florestas”, entre tantas outras. Partiram em prol da Amazônia, da natureza, da vida. Exercitando sua democracia, desde tão pequenos, e sua conexão com a natureza. É clara a importância de criar nas crianças um laço com a natureza, para que enxerguem, desde muito novos, a responsabilidade que temos diante da defesa do cuidado com a terra.

É necessário e urgente que as crianças tenham mais tempo em contato com a natureza. Que possam se reconhecer no ambiente vivo, que possam criar laços. A Sociedade Brasileira de Pediatria, em maio de 2019, publicou um Manual de Orientação sobre os benefícios da natureza no desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Não podemos deixar de considerar que os efeitos da urbanização, entre eles o distanciamento da natureza, a redução das áreas naturais, a poluição ambiental e a falta de segurança e qualidade dos espaços públicos ao ar livre nos levam - adultos, jovens e crianças - a passar a maior parte do tempo em ambientes fechados e isolados. Esse cenário traz um ônus muito alto para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes e, conseqüentemente, para a saúde do planeta, pois - já é tempo de reconhecer - o bem-estar das crianças e jovens e a saúde da Terra são interdependentes. (SBP, 2019, p. 2)

O referido Manual alerta sobre pesquisas que relacionam a falta de oportunidade de estar na natureza, brincando e aprendendo, com problemas de saúde na infância e adolescência: obesidade/sedentarismo, hiperatividade, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física. Além disso, depressão, ansiedade e transtorno de sono, que também são problemas de saúde causados pelo confinamento da infância e adolescência (SBP, 2019). Ser criança e estar preso em locais fechados e sem contato com a natureza deveria ser um grande alerta para pais, educadores e responsáveis. Estar na natureza, além de criar empatia e senso de responsabilidade com o meio ambiente:

(...) melhora o controle de doenças crônicas como diabetes, asma, obesidade, entre outras, diminui o risco de dependência ao álcool e a outras drogas, favorece o desenvolvimento neuropsicomotor e reduz os problemas de comportamento, além de proporcionar bem-estar mental, equilibrar os níveis de vitamina D e diminuir o número de visitas ao médico. O contato com a natureza ajuda também a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento de múltiplas linguagens e a melhora da coordenação psicomotora. Isso sem falar nos benefícios mais ligados ao campo da ética e da sensibilidade, como encantamento, empatia, humildade e senso de pertencimento. (SPB, 2019, p. 5)

Benefícios para o ser humano e para o planeta Terra. Um remédio natural, simples, mas que é tão difícil de ser dado: temos que dispor de tempo, de presença, e até de vontade. Porém, algumas vezes é completamente inviável, pelas condições financeiras, por exemplo, que fazem com que uma família tenha que priorizar o trabalho para que suas contas sejam pagas, enquanto a natureza não é nem uma pauta em suas preocupações. A vida real envolve variáveis complexas demais para uma análise generalista.

“Como os jovens reagem à natureza, e como vão criar seus próprios filhos, acaba delineando as configurações e condições das cidades, dos lares, do cotidiano em geral” (LOUV, 2016, p. 25). Afirmação pertinente no que mostra nossa história. Infelizmente, nos distanciamos, desmatamos e destruimos, poluímos, sem nos importar com o dia de amanhã, que chega e nos mostra que nossos atos têm conseqüências.

Com a evolução cada vez mais acelerada da espécie, o ser humano adquiriu muitas habilidades e conheceu novos avanços científicos em prol de seu benefício, porém causou desequilíbrios no ambiente em que vive. No entanto, nos perguntamos: seria errado retirar da natureza aquilo que ela tem a nos oferecer? Não, à medida que o planeta suporte e consiga se recompor, porém muitas espécies estão desaparecendo, florestas estão deixando de existir, lagos estão secando e cada vez mais são apresentadas notícias de desastres relacionados às questões ambientais, principalmente no meio urbano. (SILVA, SAMMARCO, 2015, p. 2)

Louv (2016) traz um conceito preocupante para a discussão: o transtorno do déficit de natureza. Não é um diagnóstico médico, mas uma maneira que o autor encontrou para refletir sobre essa questão. Afirma que a ruptura entre a infância e natureza faz parte de um panorama maior, a restrição física em um mundo que rapidamente se urbaniza. Louv (2016) reitera os benefícios do contato que a exposição à natureza pode trazer: melhorar habilidades cognitivas, resistência das crianças à depressão e ao estresse, reduzir sintomas do TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade). Afirma que o transtorno de déficit da natureza “descreve os custos da alienação em relação à natureza, incluindo a diminuição no uso dos sentidos, a dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais.” (LOUV, 2016, p. 58). É o momento em que nos encontramos afastados, enquanto poderíamos estar perto e conectados com a essência do mundo e de nós mesmos. E é responsabilidade dos adultos possibilitar momentos de conexão da infância com a natureza. É, quando possível, fazer escolhas mais difíceis, certamente, que nos tiram da zona de conforto, mas que trazem consequências positivas a todos os envolvidos.

Permitir o ócio da criança, o sentimento exposto e trabalhado, a experiência tátil, visual, sonora, o espaço para descobertas, são fatores essenciais para um desenvolvimento de qualidade dos indivíduos. “A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e amplo uso dos sentidos.” (LOUV, 2016, p. 29). No quintal, observo e aprendo com as descobertas das crianças, por meio de suas experiências cotidianas:

Episódio 2

Três crianças com gravetos na mão, perto de uma pedra grande no meio do quintal.

A - Salvamos um bichinho!

B - Aí quando eu joguei terra ele se moveu e conseguiu sair da teia! A gente jogou terra, areia, e ele saiu.

A - A gente vai achar mais bichinho pra gente salvar.

C - Quando o mosquitinho ficar preso a gente salva, né?

Intervenção: Vocês sabiam que essa teia aí é de uma aranha e que ela pega esses bichinhos pra comer? Ele era o alimento dessa aranha. Cada bichinho tem um alimento, pro ciclo da vida funcionar...

C - Tadinho...

B - Coitadinha da aranha!

Intervenção: Por quê?

B - Porque a aranha se não comer vai morrer! A gente gosta dos bichinhos!

Intervenção: Mas aí qual bichinho a gente decide que tem que viver? A mosca ou aranha? É a gente que decide isso?

A - Então, a mosca...

C - Sabe que a abeeelha, a abeeelha, ela pica com o ferro dela na aranha?

B - Eu quero falar uma coisa! É tudo justo, a mosca voa e a aranha não. A mosca pode voar e a aranha fica no chão! Ah, eu lembrei, a aranha pode jogar a teia no mosquito!

Intervenção: Sim, ela joga a teia, escala a teia, e consegue pegar os bichinhos. Com a teia ela consegue ir pra vários lugares!

A - Onde sai a teia?

Intervenção: A gente pode pesquisar, né? Eu não sei.

“A natureza carrega dentro de si um forte conteúdo simbólico na gratuidade e nas possibilidades com as quais se apresenta como fonte de inesgotáveis experiências por onde os seres humanos cumprem sua história” (PEREIRA, 2013, p. 43). As crianças percebem e aprendem na natureza. Imaginam planos de fuga, de salvação, pesquisam empiricamente sobre as situações, e com uma pequena mediação entendem seus ciclos. É um material riquíssimo para o aprendizado.

A constatação da ausência do contato com a natureza nas nossas grandes cidades, a inexistência de espaços de natureza dentro da maioria de nossas instituições educacionais ou o não aproveitamento dos espaços existentes, a diminuição das áreas de convívio de crianças com outras crianças de diferentes idades em parques, em quintais para brincar livremente, são situações geradoras do descompasso a que estamos assistindo na nossa sociedade: a infância vive um tempo-espço dissociado da natureza, encontrando-se cada vez mais ameaçada de ser isolada de seu hábitat natural. (PEREIRA, 2013, p. 44).

Tirar das crianças a possibilidade de aprender, de viver, de brincar, de estar na natureza, é subtrair um aspecto fundamental de desenvolvimento pleno do ser. Além disso, é dificultar a criação de amorosidade com o que nos faz existir. Tirar delas a ligação com a terra é não ajudá-las a construir uma relação de cuidado com o que o planeta necessita. Aprender desde cedo a sentir a terra e tudo que a envolve pode ser estruturante para um ser humano conectado com as questões ambientais. E pode ser mais simples que pensamos. Possibilitar que exista o contato com a natureza, com a terra, com os animais, com o orvalho, com os espinhos da árvore de framboesa, com o cair das frutas maduras no chão, com todas as experiências visuais, auditivas, táteis possíveis que um ambiente natural possa proporcionar, é fazer com que as crianças, desde cedo, saibam criar um vínculo com o meio ambiente, e daí, por exemplo, saber da importância que é preservar a natureza, mais tarde. A natureza pode ser um lugar incrível para que a prática educacional e o desenvolvimento das crianças aconteça.

CAPÍTULO 2 - A NATUREZA COMO EDUCADORA E CASA DO BRINCAR

Neste capítulo, são abordados aspectos fundamentais em relação à natureza como sendo educadora e também casa do brincar. Ou seja, sendo um lugar privilegiado para o desenvolvimento das crianças, no tocante à aprendizagem e à sua linguagem principal da infância, o brincar. Para isso, são feitas reflexões acerca do significado do ato de educar, passando pela educação indígena e sua ligação com a natureza, além de reflexões sobre o brincar e suas concepções, para daí chegarmos ao educar e brincar na natureza, enxergando suas potencialidades e beleza, exemplificando episódios vivenciados pelas crianças na escola observada.

2.1. O QUE É EDUCAR?

Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.
Paulo Freire

Educar. Verbo de seis letras, com uma infinidade de noções, vertentes, ideias, pensamentos. Vem do latim *educare*, ligado à *educere*, e significa “conduzir/direcionar para fora”. Ou seja, uma maneira de fazer as pessoas se preparem para viver o mundo. Como afirma Brandão (1981), ninguém escapa da educação, pois ela não está somente na escola, mas em todo lugar. Misturamos nossa vida com a educação. Respiramos educação. Vivemos educação. Não há só uma forma nem modelo de educar, e a escola, como afirma o autor, talvez nem seja o melhor lugar dela acontecer; e o ensino escolar não é a única prática e nem o professor o que detém o saber.

O Brasil passou por inúmeras mudanças ao longo de sua história, e a educação foi diferenciada em cada uma delas. Saímos de uma realidade em que o território era ocupado pelos indígenas, para uma invasão portuguesa, mudando toda a dinâmica de existência, e a partir daí, mais alterações na dinâmica social mediante o contexto de cada época, pois afinal de contas, “somos produtos de nossa história cultural e política” (MORÁN, 1990, p. 28). São muitos os períodos brasileiros após a invasão europeia, e em cada um deles, muitas características do ato de educar. Mas o que gostaria de enfatizar no questionamento do que significa educar é a diferença cruel que veio a ser instalada no nosso país em relação ao educar de uma perspectiva

indígena, extremamente conectada com a terra, com o educar a partir da perspectiva dos colonizadores.

Antes da descoberta do Brasil, já existiam sistemas nativos de ensino e socialização da cultura que variavam de acordo com os mitos e modo de produção de cada tribo, capazes de transmitir um forte senso de identidade cultural. Eles eram centrados nas técnicas de caça, pesca e coletas de frutos; no aprendizado dos segredos do mundo material e espiritual; na aquisição de habilidades; e na formação de atitudes e comportamentos. Aprendiam fazendo, profundamente ligados à Terra. Os nativos preservavam seus conhecimentos mágico-tradicionais, suas crenças e valores. As fases da vida eram marcadas por rituais de passagem. A educação indígena é fortemente comunitária e não-formal, baseada no consenso, na solidariedade e no senso coletivo. (GADOTTI, 2000, p. 21)

A educação indígena sempre aconteceu de maneira fluida e orgânica. Como Gadotti afirma acima, aprendiam na prática do cotidiano, e eram extremamente ligados à terra. Para os indígenas, além de uma relação de sobrevivência, com a passagem necessária de conhecimentos que utilizariam no dia a dia para viver, a conexão com a terra se dava por meio de uma ligação com a natureza de forma real e respeitosa. Mas nada melhor que um representante indígena brasileiro para afirmar o que é educar para esses povos tradicionais. Daniel Munduruku é escritor, doutor em educação pela Universidade de São Paulo - USP, e compartilha com beleza o que é educar, em uma visão ampla desses povos no Brasil. De maneira muito clara, afirma que educar é dar sentido ao estar no mundo, e que a educação tradicional entre os povos indígenas se preocupa com a tríplice necessidade: do corpo, mente e do espírito, cuidando dos três elementos para que haja um real desenvolvimento do ser. Afirma que a criança indígena não será algo quando crescer, ela já é, e que ela vive intensamente essa fase, para que mais tarde não se sinta “vazia de infância”. Aprende brincando, em um movimento contínuo. A memória ancestral é concentrada nos velhos contadores de histórias, que passam aos demais, além dos outros ensinamentos, o universo espiritual. Há rituais, danças, músicas, e cada grupo de idade ritualiza de seu jeito específico. Daniel afirma que cada um se sente responsável pelo todo. Assim, educar é envolver, significar e revelar. É mostrar os sentidos da existência. (MUNDURUKU, 2010).

A instituição escola, como o lugar para o aprendizado, não existiu desde sempre. Havia um tempo em que não era necessário se sentar em um lugar fechado, com cadeiras enfileiradas, mesas, com uma pessoa despejando conteúdo para outras pessoas, sem espaço para se manifestarem e de fato aprender. A educação, antes, se dava de maneira natural, com trocas de saberes reais, com conexão, com sentido. Era uma relação livre entre os seres humanos, e a

natureza era parte desse processo, dando material de subsistência, de aprendizado, de conhecimento. Não havia distanciamento do ser humano com a natureza. Com certeza quando uma criança, ao ser questionada “de onde vem o milho”, não responderia que vem da latinha. Os seres humanos, a educação e a natureza estavam intrinsecamente ligados, pois era dessa forma que sobreviviam.

Nas aldeias dos grupos tribais mais simples, todas as relações entre a criança e a natureza, guiadas de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores, são situações de aprendizagem. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa. (BRANDÃO, 1981, p. 18)

Na dinâmica da vida dos indígenas, não havia um momento para “aula”: toda hora era hora de aprender. O saber, o conhecimento, não estava em cartilhas, em livros didáticos, em palavras rebuscadas. Ele simplesmente fluía. A caça, a pesca, os cantos, as tradições, a elaboração das comidas, as brincadeiras, as relações entre si, consigo e com o outro, tudo acontecia de maneira bastante orgânica, e tudo isso era educar. A invasão portuguesa veio para dominar o território, dizimar a população indígena e fazer dela mão de obra para seus interesses econômicos, trazendo sua ideia de educação para uma sociedade que vivia muito bem, obrigada. Relações completamente diferentes se chocaram. Com a vinda dos europeus, com o início da colonização no Brasil, aos indígenas foi imposta a visão do estrangeiro, para explorar quem aqui vivia e enxergava o ato de educar de forma pura, respeitosa e orgânica.

Se a tradição oral, escuta aos mais velhos, respeito à criança em seu espaço de brincar e aprender ao mesmo tempo, o aprender fazendo, os ritos, as tradições, a importância da espiritualidade eram pilares na educação, ou melhor, na vida indígena, com a invasão europeia o educar veio a ter outra dinâmica. Os povos indígenas, que eram diversos, foram obrigados a aprender o português como meio de homogeneização, mas principalmente, de controle. Internatos e escolas foram instalados, e o ensino veio impondo valores não-indígenas (MANDULÃO, 2003). A invasão ao território brasileiro foi “seguida de uma das colonizações mais selvagens e espoliativas da história. Não houve um encontro de culturas, mas um choque cruel de culturas” (GADOTTI, 2000, p. 21). Uma colonização selvagem sim, que desprezou a cultura indígena como pode, mesmo com a riqueza de aprendizado que poderiam ter sido valorizados. Apesar disso, até hoje temos muito em nossa história que aprendemos com os indígenas, herdamos cultura. Andamos descalços, temos o hábito de tomar banho todos os dias (e várias vezes), descansamos em redes, cozinhamos mandioca e seus derivados, comemos muitas frutas... Todas essas coisas que estudamos na escola, na matéria de história, em um livro

didático, e claro, em um capítulo especialmente destinado aos indígenas... Mas e o educar? Olhamos para essa riqueza?

Quem descobriu que na prática o "fim da educação" são os interesses da sociedade, ou de grupos sociais determinados, através do saber que forma a consciência que pensa o mundo e qualifica o trabalho do homem educado, não foram filósofos do passado ou cientistas sociais de hoje. Esta é a maneira natural dos povos primitivos, com quem estivemos até há pouco, tratarem a educação de suas crianças, mesmo quando eles não sabem explicar isto com teorias complicadas. Os índios e os camponeses realizam, no modo como ensinam o que é importante para alguém aprender, a consciência de que o saber que se transmite de um ao outro deve servir de algum modo a todos. (BRANDÃO, 1981, p. 67)

Os indígenas já sabiam muito bem como e o porquê de educar, com pessoas convivendo umas com as outras e o saber fluindo entre todos, com inúmeras situações de aprendizado na prática cotidiana. Como afirma Brandão (1981), a turma de caçada ensina, o canto na cozinha da palhoça ensina, os grupos de brincadeiras de meninos e meninas ensinam, as cerimônias religiosas ensinam... E esse educar se dava para que o saber fosse para cada ser humano de maneira a fazer sentido sua prática naquela comunidade, naquela vida cotidiana.

Porém, em 1549 a Companhia de Jesus se instala, no período colonial brasileiro, e a derrubada dos valores educacionais indígenas começa a ser realizada de maneira massacrante, pois o objetivo maior da Companhia era o de recrutar fiéis e servidores, e à população indígena estava imposta a conversão à fé católica, e claro, a passividade diante dos europeus, homens brancos (RIBEIRO, 1993). A sabedoria indígena sobre o ato de educar traz ensinamentos que são de grande valor a qualquer ser humano. O que é mais bonito do que educar significando dar sentido ao estar no mundo, aprender durante toda a vida? Mas os colonizadores não estavam dispostos a ouvir. Pensaram em uma forma de unificar tamanha diversidade de povos que aqui viviam, impondo a cultura europeia, e a escolarização foi iniciada em nosso território.

A educação elementar foi inicialmente formada para os curumins, mais tarde estendeu-se aos filhos dos colonos. Havia também os núcleos missionários no interior das nações indígenas. A educação média era totalmente voltada para os homens da classe dominante, exceto as mulheres e os filhos primogênitos, já que estes últimos cuidariam dos negócios do pai. A educação superior na colônia era exclusivamente para os filhos dos aristocratas que quisessem ingressar na classe sacerdotal; os demais estudariam na Europa, na Universidade de Coimbra. Estes seriam os futuros letrados, os que voltariam ao Brasil para administrá-lo. (RIBEIRO, 1993, p. 15)

“Educar”, na colônia, era, por um lado, catequizar e dominar os indígenas. Por outro, atender aos portugueses, especialmente ensinar à elite, para que depois estes pudessem dominar aqueles. Segundo Casimiro (2007), a educação, que agora era institucionalizada, se dava nos

colégios, nas missões e em alguns organismos sociais, como as paróquias, por exemplo. A Igreja Católica era o principal agente da sociedade, agindo na educação, nos costumes, no direcionamento da moral. Essa nova dinâmica de educação chegou de forma seletiva e autoritária, e por muito tempo assim se estendeu. O *educar*, no Brasil, se transformou. Sem pensar na fluidez do aprendizado pela experiência e pelo contato humano real com o que faz sentido para a vida, como era com os indígenas, mas na transferência de conhecimentos como um fator regente, além da imposição, do autoritarismo, de uma educação para poucos. E infelizmente são características encontradas na história da educação brasileira como um todo.

A perspectiva de educar vai sendo institucionalizada na escola, e a partir daí, o educar vem sendo caracterizado como um ensino e aprendizagem “sistemático e intencional que - consiste no ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. (SAVIANI, 2008, p. 7). O ser humano domina a realidade, cria, constrói, e deseja repassar o que é produzido aos demais. Isso é um fato, e é por isso que a sociedade evolui tanto, pois aprendemos a repassar a cultura, e a educação é uma das formas principais disso acontecer. Porém, o educar vem muitas vezes encaixotado, restringido e muito limitado. O processo de educar se configurou por muito tempo, desde que a escola passou a existir, é como uma reprodução de conhecimento.

Surgiram diversas teorias pedagógicas mediante o passar dos anos e os contextos de cada época. Santos (2016) revisita essa história e nos traz características da Pedagogia Tradicional, a primeira a ser utilizada na educação no início da sociedade moderna. Era uma pedagogia que tinha em sua base a simples transmissão de conhecimento, a falta de debate, de espaço para a dialogicidade. Era um enxergar o aluno como reproduzidor do conhecimento anteriormente escolhido para ser estudado, sendo o professor a figura central, o detentor do saber. Essa teoria foi dominante por muito tempo na nossa sociedade, e até hoje vemos indícios que ela ainda exista em muitas instituições. E é uma das preocupações e dos pontos a serem levantados em nossos debates sobre o ato de educar. Isso porque o simples obedecer, o simples ouvir e reproduzir não constrói cidadãos críticos, cidadãos que se dispõem a lutar contra a deterioração de bases tão importantes para a construção de uma sociedade.

Além disso, a transmissão, a cópia, o autoritarismo, a repetição, o “fica quieto, menino!”, desestimula os estudantes por ser tão limitadora de suas potencialidades, criatividade, expressão de si. Nessa dinâmica, educar se torna distante da realidade vivida por cada criança, jovem, adulto e idoso que se encontra na posição de aluno. Posição essa, silenciada. O professor, sendo o detentor de saber, sendo quem diz o que é certo e o que é errado, e quem não escuta

mais ninguém além de si mesmo. E assim, essa posição vertical se instala no ato de educar. “Se o educador é o que sabe, se os educandos são o que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de ‘experiência feito’ para ser de experiência narrada ou transmitida.” (FREIRE, 2005, p. 68)

Um *educar* preocupado com o currículo... Mas esse tal de currículo repassado adianta alguma coisa? Quantas vezes um estudante que passou com nota dez em alguma matéria, um mês após o exame feito não sabia mais nada sobre o conteúdo “aprendido”? Infelizmente é uma realidade nas escolas, e até mesmo universidades...

Aceitamos um fato simples: um programa cumprido, dado pelo professor do princípio ao fim, é só cumprido formalmente. Programa cumprido não é programa aprendido - mesmo que os alunos tenham passado nos exames. Os exames são feitos enquanto a água ainda não acabou de escoar pelo escorredor de macarrão. Esse é o destino de toda ciência que não é aprendida a partir da experiência: o esquecimento. Quanto à ciência que se aprende a partir da vida, ela não é esquecida nunca. A vida é o único programa que merece ser seguido. (ALVES, 2012, p. 63)

Educar pode ser bem mais que cumprir um cronograma, um conjunto de conteúdos. Educar é possibilitar, a quem aprende, o movimento de ir além. De entender que antes de nós havia pessoas que produziram cultura, descobriram, investigaram; mas que cada um também pode produzir cultura, descobrir e investigar. Educar é “uma arte comprometida com o desenvolvimento humano, é uma iniciação que se cumpre na realização do ser em sua humanidade.” (PEREIRA, 2013, p. 229). É dar sentido. É criar sentido.

A educação em sua forma tradicional tende a reduzir essa experiência incrível a conteúdos, à sala de aula, a repetir o que foi feito, escrever o que está posto, pensar o que está descrito. Mas educar para libertar é necessário, porque é incrível o que a educação pode fazer na vida de uma pessoa. Não, ela não é um milagre divino. Muito menos a resposta para tudo de ruim que há no mundo... Mas pode possibilitar que o ser humano enxergue para fora de sua janela, para fora de uma realidade que muitas vezes é cruel, nesse incrível sistema que oprime e domina quem quer que “precise” ser oprimido e dominado. É preciso que haja uma reflexão sobre nossa prática, como educadores, para que as pessoas possam enxergar um futuro à sua frente diferente de aperto de parafusos, de reações mecanizadas. É dar a chance de escolher. É possibilitar a livre expressão de si. É pensar em educar, não dominar. Entender e mediar o conhecimento de maneira a possibilitar libertação, e não dominação. É não perpetuar ideias de libertação para a doutrinação de outrem, com o sonho de sair da posição de oprimido e se tornar opressor, como Freire (2005) afirma, mas mostrar que o trabalho em equipe, a cooperação, o

cuidado consigo e com o outro, o respeito à diversidade, seja ela qual for, é de extrema importância para uma sociedade mais justa. Educar pode ser lindo, por que muitas vezes a escolha é que não seja?

O grande trabalho, o maior desafio hoje é o de educar a criança, “insistindo em que educar não é levar ninguém a ser isto ou aquilo, não é tentar influir de qualquer modo em sua orientação futura, mas dar meios de expressão à sua capacidade criadora e de comunicação”, nas palavras do professor Agostinho da Silva em Educação de Portugal. Temos de cuidar para, na medida do possível, não atrapalhar nem deformar a criança, valorizando o seu brincar, a sua alegria, o seu sim à vida, defendendo sua capacidade e seu modo próprio de entender o mundo. (PEREIRA, 2013, p. 55)

Que possamos agir nesse *educar* transformado, vindo de um lugar tão real, com práticas tão humanas, pensado no sentido, na experiência, como era com os indígenas, agora de maneira a ainda dar sentido, e também a possibilitar a visão do outro como importante e essencial no processo, sendo o educador o que “enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2005, p. 79). Além disso, a educação passando a ser vista como uma prática de liberdade. Prática essa, que vem de maneira a ser “contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 2005, p. 81). Educar sendo a possibilidade de enxergar no outro o aprendizado, de enxergar em si o conhecimento, de enxergar no mundo o campo de experiência, de enxergar no presente e no futuro ações para a melhoria da condição de estar, habitar e viver nessa sociedade que precisa ser olhada com carinho.

2.2. BRINCAR? QUE BICHO É ESSE?

“É se divertir!” A., 4 anos
 “Brincar é... ser alguma coisa... de princesa!” B., 3 anos.

O brincar, ato sagrado da infância. O brincar, expressão pura da criança em seu momento de alegria, conforto. O brincar, menosprezado. Frases como: “Ah, vai lá brincar, vai!” ou “Pode atrapalhar sim, eles estão só brincando” são jogadas pelo ar como se essa ação, tão característica da infância fosse uma trégua para nós, adultos, da vivacidade das crianças.

Nossa cultura ocidental moderna desdenhou o brincar como uma característica fundamental generativa na vida humana integral. Talvez ela faça ainda mais: talvez negue o brincar como aspecto central da vida humana, mediante sua ênfase na competição, no sucesso e na instrumentalização de todos os atos e relações. Acreditamos que para recuperar um mundo de bem-estar social e individual - no qual o crime, o abuso, o fanatismo e a opressão mútua não sejam modos institucionalizados de viver, e sim erros ocasionais de coexistência -, devemos devolver ao brincar o seu papel central na vida humana. Também cremos que para que isso aconteça devemos de novo aprender a viver nessa atmosfera. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 245)

Quando sentamos para brincar com as crianças, nos entregamos? Brincamos de verdade? O que as crianças fazem quando brincam? Fantasiam um mundo só delas? Estão à parte da realidade? Mas o que é brincar, afinal? Que bicho é esse? Maria Amélia Pinho Pereira (2013) traz um conceito belíssimo do que é brincar, nos remetendo a algo maior que uma definição exata e bem delimitada. Mesmo porque na brincadeira o que vem à tona é a subjetividade, tirando o aspecto utilitário que nossa sociedade dá para praticamente todas as ações humanas. A autora nos traz a pureza e a beleza do que é a brincadeira, quando nos diz que os primeiros sussurros de uma mãe acalentando o filho eram chamados de “brincos”, estabelecendo uma relação de vínculo. Brincar, então, sendo criador de laços, dando a sensação de ser um espaço acolhedor, seguro e essencial para a infância.

No brincar, o indivíduo, o espaço e possíveis objetos da brincadeira saem da esfera exclusivamente utilitária, e essa situação inclui diferentes graus de subjetividade. O mundo interno das crianças emprega parâmetros de uma realidade percebida por ela, que não coincidem necessariamente com as leis que governam a materialidade do objeto externo. (...) o brincar opera nesta unidade subjetiva. O brincar, entendido como atitude do corpo e da mente, determina uma conduta pensante. (PEREIRA, 2002, p. 54)

Quando brincamos com as crianças, nos deparamos com sua energia e sua vontade daquele momento nunca acabar. “Nós, adultos, em geral não brincamos, e frequentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos com nossos filhos. Para aprender a brincar, devemos entrar numa situação na qual não podemos senão atentar para o presente.” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 231). Quantas vezes nos cansamos tão mais rápido que elas, enquanto os pequenos estão a todo vapor, querendo mais, pedindo mais, demandando mais, e não porque não sabem quando parar, mas porque a brincadeira é sua manifestação de vida, é uma de suas linguagens, de sua maneira de expressar a sua força, sua personalidade. A brincadeira é a vida se manifestando. São manifestados os desejos, ânsias, medos, percepções. São feitos acordos, que mais tarde podem ser quebrados, ou não. Aprendem regras sociais, são realizadas disputas, são reafirmados afetos ou desafetos.

Em um dia de observação das brincadeiras das crianças no quintal, me deparei com três crianças brincando debaixo de um brinquedo, em um local mais escondido. Estavam fazendo uma reunião, conversando sobre o tipo de material que procurariam na escavação da terra: ouro, moedas de chocolate, só moeda, diamante de ouro e fósseis. Observava de longe, primeiramente sem interferir de fato na brincadeira. Quando chega uma quarta criança, que na dinâmica do dia a dia apresenta grandes desafios em relação à convivência, tendendo a machucar as demais, pois sua manifestação de vitalidade e força não se dá de maneira tranquila, acaba esbarrando no limite do corpo das outras crianças, o que causa incômodo a muitas. Nesse momento, os três que anteriormente estavam brincando, param tudo. Se aquietam, e falam que não querem que ele participe da reunião. Falam para sair, mas ele insiste e fica. Então, a reunião se encerra. Falam que a brincadeira agora seria cada um ir buscar os elementos que antes seriam escavados ali, em outros lugares. As dinâmicas sociais ficam muito visíveis na brincadeira, se expressam de maneira bastante clara, e é fundamental que haja espaço para que essa manifestação ocorra, para que os desafios tenham espaço, mas que sejam trabalhados, sendo o professor mediador importante nesse processo. São as relações se internalizando, as crianças fazendo uma conexão com o mundo.

“Forças, desejos e vontades no brincar são sonhos, provêm do mundo imaginado, uma região do nosso ser formuladora de verdades muito íntimas, empáticas ao conhecimento, à memória e à afetividade. A imaginação é a verdade da criança, o corpo semântico, a camada predileta, a fonte primordial de seus recursos de expressão. É um tempo e um espaço fantástico, conhecedor de origens.” (PIORSKI, 2016, p. 25)

Quando as crianças brincam de simplesmente correr no quintal, elas não simplesmente correm. Elas experimentam o ambiente, experimentam a espacialização do lugar que vivem diariamente, passando a se familiarizar cada vez mais com o território que ocupa. É, além do corpo se desenvolvendo, tonificando, demonstrando força e melhorando a resistência; também criação de conexão. Além disso, o brincar opera na subjetividade, e o corpo é essencial nesse movimento, tanto no correr, quanto no balançar, no mover pedras e galhos, no pular, no subir árvores, no escalar e descer a grama. O brincar mobiliza sentimentos e sensações expressadas pelo corpo, e tudo se torna um desafio que compõe o desenvolvimento da consciência. (PEREIRA, 2013). O brincar garante que estejamos em movimento, tanto o corpo, como o cérebro:

No brincar das crianças mais velhas e dos adultos, isso se manifesta claramente em atividades como jogos variados, como xadrez e esportes. Nas crianças mais jovens, o brincar está positivamente associado ao

desenvolvimento e maturação gerais. (Millar, 1968). Em todas as idades, o brincar é realizado por puro prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida e à aprendizagem. Isso certamente é razão suficiente para valorizar o brincar. (MOYLES, 2002, p. 21).

As brincadeiras refletem muito do que as crianças vivem. A maioria delas utiliza o jogo de faz de conta, imitando situações com regras vivenciadas pela sua cultura, pois a brincadeira de faz de conta é uma atividade psicológica e cultural. (CREMONINI, 2012). Por meio dela, há a expressão do que vivencia em sociedade, relaciona-se com os demais seres em convívio. Há uma representação daquilo que veem, escutam, absorvem e, conseqüentemente, reproduzem. Porém, elas criam, a partir de suas vivências, suas brincadeiras. Vigotski traz uma reflexão importante para esse ato do brincar:

É claro que, em suas brincadeiras, elas reproduzem muito do que viram. Todos conhecem o enorme poder da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto, esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. (VIGOTSKI, 2018, p. 18)

Em uma manhã aparentemente tranquila, a escola apareceu com várias setas desenhadas com giz de quadro, nas paredes, nos brinquedos do parque, no chão. Alguma criança desenhou, mas ninguém sabia quem tinha sido, e a natureza atuou como cenário do faz de conta das crianças. As crianças confabularam que as setas foram desenhadas para, entre outras coisas, criar armadilhas para eles: “Essa seta me fez descer no barranco”, “Me fez escorregar na escada”, “Me fez subir na árvore”, “Me fez pegar manga”, “Eu acho que tem um espião na escola fazendo com que a gente caia em armadilhas”! Eram apenas setas. Quem disse que elas deveriam descer no barranco, pegar mangas, subir nas árvores foi a imaginação das crianças, brincando, aliada ao cenário da natureza possibilitada a elas, um misto de elementos desembocando em um lugar comum.

No quintal, são muitas as brincadeiras representando desenhos que assistem, usando superpoderes, vivendo aventuras. Mas sempre com sua imaginação e criação à tona, interferindo no processo do brincar:

Episódio 3

Quatro crianças no meio do quintal, conversando perto de uma árvore.

A - O meu nome é Elena de Avalor.

B - E o meu é Catarina!

C - E o meu é homem gato!
B - Vamos escorregar!
A - E eu vou por aqui.
B - Tem certeza? Não tem nenhum buraco?
C - Uou, a gente tá rodando! A gente tá rodando!
B - Princesa faz assim!
C - Mas roda gigante faz cair assim!
B - Oh C! Você sabia que eu não sou B? E ela não é a A. Ela é a Elena e eu sou a Catarina.
D - E eu sou o menino gato!
C - Aaaaaau, me arranhei todo!

Escolhem papéis e os interpretam, atuam como veem em seus desenhos, mas colocam um pouco de si e de suas vivências a cada momento. Resolvem seus conflitos e interesses, com ou sem mediação dos adultos, e adentram na aventura do que é brincar.

Episódio 4

Quatro crianças na casinha de pau-a-pique.

A - Agora sim eu vou pra festa!
B - Agora sim a gente vai pra casa da nossa vovó!
C - Aqui ó!
A - É, mas a cordinha desses furou... viu?
D - Bebê, você pode ir na nossa casa, tá? que a gente tá lá. você pode ir só lá na casa da mamãe...

Episódio 5

No meio do quintal, duas crianças conversam.

A - Quando joga essa flor nas pessoas, elas viram carvão.
 gritos de monstro
B - Quer ouvir o rugido do monstro ali na casinha?
A - Não...
B - Ele é muito, muito... Ele é assim ó: UOOORGG!

Figura 4 - Casa de pau-a-pique.



Fonte: Autora (2019)

As crianças se apropriam do mundo que vivem, e daí conseguem imaginar e criar a partir do que veem, ouvem, vivenciam. Brincar é espontaneidade, é imaginação. “Sua característica de imprevisibilidade, de imaginação, de sonho e também de inocência e alegria, aponta para uma possibilidade nova de construção do humano.” (PEREIRA, 2013, p. 53). O desenvolver do indivíduo passando pela sua linguagem mais característica e própria, o brincar.

Episódio 6

Três crianças na casinha de pau-a-pique, brincando com panelinhas e sentadas nos bancos de madeira.

A - Eu fiz uma sopinha com todos os legumes, arroz e feijão e batata.

B- Amor! A gente tem que salvar o meu amor! O meu amor encontrou o dinossauro no trabalho dele! *Vamo* salvar! Salvar!

C - Eu não posso correr.

“O atual discurso pedagógico e psicológico, em geral, encontra-se ainda carregado de uma compreensão do brincar como meio para se atingir uma finalidade específica de aprendizagem destituindo dele seu caráter de liberdade e criatividade humana.” (PEREIRA, 2013, p. 54). Assim como quando os professores tendem a escolher livros de literatura intencionando que eles passem alguma mensagem para os estudantes, e não estimulam o simples prazer de ler. E isso, muitas vezes, ceifa todo o desejo que poderia vir por parte do estudante, que se vê preso em um livro que ensina uma lição de moral, ou, no caso das crianças menores, que ensina como escovar os dentes, que ensina a alimentação saudável, que ensina o alfabeto... Quando, na realidade, a criança poderia se encantar e aprender muito com livros mais profundos, mais diversos, mais poéticos, menos utilitários.

A compreensão sobre o brincar que se desenvolve no atual discurso pedagógico e psicológico carrega uma conotação do brincar como meio, como recurso, destituindo dele o caráter de sua expressividade humana. (...) qualquer atitude de querer traduzir o brincar como meio para, como recurso para aquisição de qualquer coisa, deixa de ser o brincar em sua essência, ocorrendo equívocos como os chamados brinquedos pedagógicos, e/ou brinquedotecas, que espelham uma postura reducionista, contribuindo para a fragmentação do espaço e tempo da criança.” (PEREIRA, 2002, p. 54)

O brincar espontâneo é importante, revelador de cultura, de afetos e desafetos, de imaginação, de essência humana. Não é necessário sempre que seja guiado, orientado, mesmo que o lúdico em sala de aula seja um elemento riquíssimo para a aprendizagem. É importante que haja espaço para a manifestação pura da criança em sua própria organização de si e de sua cultura, com seus pares, em seu ambiente escolar e familiar. Quantas vezes vemos crianças com

mais afazeres que um adulto, uma programação de sua rotina organizada de maneira a não deixar um espaço para o ócio, para o tédio, para o brincar. Há uma preocupação muito grande com o vir a ser, quando a criança já é.

Brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar num cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade.” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 231)

2.3. BRINCAR E EDUCAR NA NATUREZA

*Eu queria ser banhado por um rio
Como um sítio é.
Como as árvores são.
Como as pedras são.
Eu fosse inventado de ter uma garça
E outros pássaros em minhas árvores.
Eu fosse inventado como as pedrinhas
E as rãs em minhas areias.
Eu escorresse desembestado sobre as grotas
E pelos cerrados como os rios.
Sem conhecer nem os rumos como os andarilhos.
Livre, livre é quem não tem rumo.*

Manoel de Barros

Brincar na natureza é possibilitar mil e uma experiências às crianças. É fazê-las soltar a imaginação, criar a partir de elementos naturais e vivos, é fazê-las uma criar uma conexão necessária com a terra. Na natureza há estruturas não determinadas, limitantes, como brinquedos que já delimitam o que são e o que fazem. A natureza faz as crianças desafiarem a si mesmas e seu potencial criativo, estimula a criatividade, a organização do espaço, e até mesmo de si, para decidir, por exemplo, o que fazer em cada momento. O que ela possibilita para cada um?

É inconcebível imaginar um espaço de educação de crianças sem a presença da natureza. Criam-se tantos movimentos pela manutenção de reservas naturais para os animais, e onde se encontra uma ação verdadeiramente comprometida com a presença da natureza como o habitat de nossa espécie sem o qual o desenvolvimento das crianças não se cumpre em plenitude? É uma questão de cumprimento aos direitos humanos impedir que as crianças, em sua primeira infância, fiquem presas em salas de aula, amontoadas quase como presidiárias, tropeçando umas nas outras, impedidas de colocar seu corpo em movimento livre, quando há todo um desenvolvimento de integração psicofísico ocorrendo nessa etapa do crescimento humano. (PEREIRA, 2013, p. 54)

As crianças no quintal têm uma ampla gama de possibilidades a serem feitas em um espaço natural. Quando elas chegam sujas em casa, com suas calças, vestidos, meias e blusas cheios de terra seca ou lama, com a roupa molhada por terem brincado com água, com o sapato cheio de areia, com as unhas repletas de barro, com o cabelo empoeirado, com a mochila cheia de mangas pequeninas que caíram do pé antes da hora ou com pedras achadas no quintal da escola, ou gravetos, ou folhas, ou o que quer que seja: elas brincaram na natureza. Elas aproveitaram as possibilidades, elas exploraram sensações táteis, visuais, afetivas, motoras que lhes foram dadas em um ambiente repleto de vida. Como afirma Pereira (2013), é o vivido que sobrevive, e o mundo externo possibilita experiências para a “alma sensível” se alimentar dos elementos naturais, que, na natureza, são as variadas cores, cheiros, texturas, “formas que alimentam o acervo de suas experiências de vida vivida” (PEREIRA, 2013, p. 57).

Figura 5 - Crianças brincando de escalar, na terra.



Fonte: Autora (2019)

Entre tantas situações que as crianças na Escola da Árvore fazem que refletem bem esse movimento, algumas brincadeiras podem ser citadas. O brincar na areia ou na terra, fazendo comidinhas especiais, é uma situação cotidiana, recorrente, marcante e não pode ser deixada de fora quando falamos do brincar na natureza. É um ato, muitas vezes, de carinho. Fazer um bolo de aniversário para alguém que comemora mais uma volta sob o sol. Uma comidinha para a educadora que, no momento, apenas observa o movimentar dos passos e mãos das crianças. Ou o simples fazer pelo gostar de fazer, e refletir na brincadeira seus gostos.

Episódio 7

Três crianças, brincando de comidinhas da natureza, fazem o que gostariam de se deliciar no momento.

- A - Fica muito delícia! Pronto, a minha receita *tá* quase pronta. Meu chocolate *tá* ficando muito bom. Meu chocolate quente vai demorar à beça! Eu adoro chocolate quente! Eu GOSTO MUITO DE CHOCOLATE QUENTE!
- B - Eu preciso de mais um pouquinho de leite.
- C - Olha, eu *tô* fazendo um chocolate quente e ele *tá* quase ficando delicioso!
- A - *Tô* botando um pouquinho de nescau...
- B - Olha que legal que eu fiz! *Tô* fazendo leite em pó.
- A - *Tô* fazendo chocolate quente e depois *tô* fazendo chocolate puro!

Figura 6 - Brincadeira de areia.



Fonte: Autora (2018)

Nesse processo, utilizam as mãos sem medo de se sujar. E as crianças que têm medo por sentirem uma pequena gastura ou até mesmo nojo, aprendem com as outras que “é normal, a gente se suja mesmo!”.

Episódio 8

Em um dia de calor, as crianças brincam perto do aspersor na grama.

- A - Molhou minha calça! *risos* De novo, posso ir de novo?
- B - Ah, C, você *tá* perdendo toda a diversão da água!
- C - Melhor pular, né?
- B - Se molhar é legal, vai, C!
- C - Molhou meu pééééé...
- B - Um pouquinho de água! Vamos, C, só um pouquinho de água! Lembra daquela vez que a gente *tava* brincando com água? Vamos ir de novo!? Só um pouquinho, é muito divertido!
- C - Molhou minha calça... Eu vou ser a Rapunzel.
- B - A Rapunzel gosta de água! C, vai, é só um pouquinho de água de nada!!!
- A gente vai juntas. Não é que a gente vai juntas?

Sem medo de molhar, ou após uma conversa encorajadora, pegam água e misturam na terra vermelha encontrada perto das árvores de carambola e de manga. Experienciam as mais diversas texturas. Criam seus chocolates quentes e se divertem à beça com a possibilidade de usar panelinhas, colheres de pau, gravetos que se transformam em colheres de pau, diferentes

tipos de areia para misturar à terra vermelha, folhas para complementar o tempero da receita, pois as comidas têm tantos temperos que as deixam deliciosas! Alecrim, amendoim, granulado...

Figura 7 – Criança recolhendo água para brincar na terra.



Fonte: Autora (2019)

É bastante usual, também, na dinâmica da escola, observar como as crianças gostam de levar para casa elementos achados no quintal. Achem uma pedra, uma pena das galinhas que por ali andam - as galinhas da angola correm soltas pelo quintal, em completa harmonia com as crianças -, uma fruta do pé ou uma fruta caída, um graveto, uma semente, um casco de árvore caído, e não sentem nenhuma dúvida que querem levar na mochila, independentemente do aspecto, da poeira, da “sujeira”, do diferente movimento que é a mochila com agenda, roupas, roupas íntimas, elementos de higiene e o elemento agraciado da natureza: elas simplesmente não ligam, elas desejam levar para casa, trazer para perto, mostrar para a família, brincar em outro momento, talvez por ser ali o local que podem ter esse contato tão íntimo com esses ingredientes marcantes e puros, reais, concretos, naturais. E as educadoras e educadores fazem parte dessa dinâmica também, pois são também comuns os presentes que são dados, como limão do limoeiro, flores, pedras, comidinhas, manguinhas que viram amuletos contra os vilões, penas. São presentes, inclusive, que depois são cobrados: “onde tá aquela pedra que eu te dei?”.

Episódio 9

Três crianças sentadas embaixo de uma árvore, brincando com água, terra e gravetos.

A - *Tamo* fazendo experiência! *Tá* nascendo, olha!

B - Precisa de água? *Vamo* fazer uma água aqui?

A - Ele nasce só com água e terra.

B - Cadê a água?

A - Deixa eu pegar. Aí, prontinho. *Vamo* pegar aqui? Eu tô tentando fazer uma coisinha...

C - A gente fez chocolate!

B - *Vamo* pegar chocolate?

C - A gente fez chocolate *pra* botar na árvore!

risos

A - A gente é maluco!

B - Agora vou lavar a mão.

C - *Vamo* pintar a árvore? Que tal a gente pintar a árvore?

E pintaram a árvore. Da lama que fizeram com a terra no pé da árvore, a pintaram. A mesma criança que foi lavar a mão depois de fazer a “experiência maluca”, voltou para pintá-la. Depois a limparam, mas aproveitaram o momento sem medo algum de ter nas mãos a terra molhada.

A imaginação, na criança, é como a semente, que, em contato com a água, sai de sua latência, inibe os hormônios anticrescimento e inicia um poderoso processo elétrico, que acorda informações genéticas antiquíssimas com a função de reproduzir, proliferar, manter-se fiel à vida e à sua organicidade. Especialmente nos brinquedos da terra, a imaginação material cumpre essa função, é comprometida em garantir o devir, o aprofundamento da criança em suas raízes simbólicas, ancestrais, familiares, comunitárias e telúricas (natureza). (PIORSKI, 2016, p. 27)

Utilizam muito o corpo. O corpo é um dos maiores aliados em um espaço tão sensorial e que aspira e respira liberdade. Todos correm. Meninos e meninas. Correm de um canto a outro do quintal, correm para pegar água ou qualquer outra coisa que necessitem, correm em brincadeiras dirigidas, como pique pega, por exemplo, mas correm também simplesmente por correr. Esse momento, de correr por correr, nem sempre é visto de maneira agradável, porque estão correndo sem um objetivo, por assim dizer. Mas no ato de correr, mesmo que possa ser perigoso, por haver a possibilidade de trombarem em alguém, caírem e a pancada ser mais forte por estarem em alta velocidade, eles experimentam a liberdade de poder correr em um ambiente livre, seguro e natural. A grama está ali e amortece seus pequenos corpos. Uma das aprendizagens mais incríveis que enxergo no quintal é ver as crianças sem medo de cair e levantar. Correm sim, e eventualmente caem. Mas sempre levantam. E na maioria das vezes, como se nada tivesse acontecido.

Brincar na Natureza expressa um papel vital na manifestação da alegria, da espontaneidade e da capacidade criativa do ser humano ao inventar suas próprias brincadeiras, desafiando seu corpo em crescimento, criando seus vínculos nas parcerias que são construídas num espaço que permite o exercício de a criança ser criança. Esse exercício de ser criança certamente propicia a condução de uma humanidade mais saudável, consequentemente mais feliz porque mais humana, que é o que nos interessa em nosso modo de pensar a educação brasileira. (PEREIRA, 2013, p. 57)

As crianças inventam suas brincadeiras, de fato, e é bonito de ver a ligação da sua imaginação com a natureza, pois ela se torna o cenário do faz de conta das crianças: de repente, as árvores são os castelos, os gravetos as varinhas, as folhas o ouro, a areia o glitter. Brincar de esconde-esconde nos arbustos das árvores. Pular pedras que fazem o caminho entre os prédios. É controle corporal, equilíbrio, noção de espaço, coordenação motora. Natureza, brincadeira, aprendizado, movimento, corpo: tudo junto, misturado, conectado e com sentido.

Forças, desejos e vontades no brincar são sonhos, provêm do mundo imaginado, uma região do nosso ser formuladora de verdades muito íntimas, empáticas ao conhecimento, à memória e à afetividade. A imaginação é a verdade da criança, o corpo semântico, a camada predileta, a fonte primordial de seus recursos de expressão. É um tempo e um espaço fantástico, conhecedor de origens. (PIORSKI, 2016, p. 25)

Ainda na utilização de seu corpo como aliado, as crianças sobem em árvores. Exploram as sensações táteis e corporais, mas também a sensação de desafio, do medo que pode vir a surgir na aventura que é colocar seu corpo em um lugar muito mais alto que o usual. Em um lugar com folhas, bichinhos, frutos.

Figura 8 – Criança na árvore.



Fonte: Autora (2018)

Vibram quando uma educadora ou um educador também se propõe a colocar seus corpos em conjunto os deles, naquela situação tão incrível, naquele sentimento de que “eu consigo subir e enxergar tudo bem mais claro daqui”. Brincam de perseguir as galinhas d’angola no quintal, correndo, brincando, gritando. Ou o lagarto que também aparece e se camufla,

rapidamente saindo das vistas das crianças. Elas simplesmente vivem o espaço utilizando tudo o que podem.

Sobre esse chão a criança se inicia no domínio de sua língua universal: o brincar. Essa língua pertence à cultura humana, e a natureza dotou a criança de uma maestria sem par nessa linguagem de conhecimento. Cada gesto do corpo em movimento – brincando – vai revelando o sentido humano de viver e conviver numa mesma casa – o planeta Terra. Por que não aceitarmos a gratuidade com que a natureza a nós se oferece e partilharmos da experiência de sermos também natureza, uma vez que dentro dos nossos corpos estão presentes todos os elementos que a compõe? Nela convivemos com nossas primeiras experiências sensíveis sobre a beleza, sobre a harmonia, sobre a diversidade, a alternância da luz e da sombra, a calma, a serenidade, o silêncio. (PEREIRA, 2013, p. 44)

Descem o gramado com os skates disponíveis na escola e se entregam ao momento mesmo vendo a possibilidade de seus pequenos corpos caírem na grama. Descem de bumbum, de barriga, e soltam as mais gostosas gargalhadas. Aventuram-se, enfrentam seus medos, mesmo que por alguns segundos. Se balançam tão mais alto quanto podem nos balanços do parque ou os que amarramos em árvores. Pedem ajuda aos educadores para que consigam chegar “até a Lua” ou “até o Sol” ou “até Marte”. Ou, simplesmente, para que consigam tocar na árvore em frente ao balanço.

O brincar nasce no corpo, e o corpo é natureza. A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar sua relação com o mundo. A criança evidencia a presença do pensamento corporal e sensorial como formas de interagir com o mundo e conhecê-lo. Nossos sentidos assimilam, produzem e são continentes de conhecimentos significativos da nossa existência. (PEREIRA, 2013, p. 55)

Educar e brincar na natureza possibilita as crianças criarem uma conexão, sentimento de pertencimento e a consequente preocupação com a natureza. Um exemplo claro e concreto disso é o caso do borboletário na Escola da Árvore. Chegou às crianças da turma do fundamental I, em 2018, a notícia de que a escola gostaria de montar um borboletário no quintal, e foi dada a elas a missão: seu projeto inicial seria ajudar a construir o borboletário, e para isso, pesquisaram muito acerca do tema. O que é um borboletário, modelos e curiosidades sobre esse espaço, fases da metamorfose, e o que mais achassem interessante. Realizaram um bazar na escola para arrecadar dinheiro para o borboletário, visitaram o borboletário do Zoológico de Brasília, e partiram para a construção do “Manual de Montagem do Borboletário”, que a própria turma criou, com a mediação dos educadores. Durante a escrita, constataram que ele seria um “novo lar para as borboletas, onde não pode ter aranhas; é um lugar fechado, de onde as

borboletas não podem sair”. Nas curiosidades, descobriram que algumas espécies de borboletas vivem apenas duas semanas. Com tanta informação sobre o espaço, chegaram à conclusão de que ele seria uma prisão de borboletas. Ficaram impressionadas e muitas se negaram a continuar com o projeto. Para resolver a questão, propuseram uma assembleia e conversaram sobre a decisão de fazer ou não o borboletário. Algumas crianças levantaram o ponto de que já tinham estudado bastante, já haviam empregado muita energia no projeto, além do que a escola já dispunha de um espaço estruturado para o espaço, a geodésica. Entre muitas discordâncias, emoções à flor da pele, e até lágrimas, chegaram à conclusão de que não gostariam de construir o borboletário. Escreveram o seguinte parecer:

Nós da turma Saputá fizemos uma assembleia e decidimos que é melhor não construir o borboletário. Algumas crianças queriam que tivesse o borboletário porque seria muito legal poder visitar as borboletas todos os dias e protegê-las dos predadores. Mas nós achamos que o borboletário parece uma prisão de borboletas. Podemos tirar o sombrite para subir na estrutura ou fazer um viveiro de plantas. (Material disponibilizado pela escola)

A resposta da escola foi de muito respeito frente à organização das crianças e seu importante exercício de democracia. A decisão final foi a de transformar a estrutura do borboletário em um “Berço de Sementes”, mudando toda a lógica do espaço anteriormente pensado. As crianças aprendem de maneira muito orgânica elementos preciosos que, muitas vezes, a escola tradicional não consegue construir junto de maneira que faça sentido a quem aprende.

Figura 9 – Berço de Sementes.



Fonte: Autora (2018)

O Currículo em Movimento do DF (2018) é um documento que busca melhorar a qualidade da educação básica, desenvolvendo propostas para cada nível (infantil, fundamental e médio). Dentre as propostas, há orientações que conversam com o contato com a natureza desenvolvendo a aprendizagem. Um exemplo é a orientação que algumas ações sejam realizadas na natureza. Na educação infantil, por exemplo, participar de atividades de relaxamento pela escuta de sons que podemos encontrar no ambiente natural. Quando uma criança se encontra em um momento de resolução de conflitos internos, um dos resgates mais utilizados na escola, utilizando o quintal como ambiente privilegiado para isso, é o respirar fundo e ouvir o barulho que a natureza faz. Seja de vento ou de bicho ou de chuva: encontra-se um ponto de paz ao observar a natureza. Outra orientação trazida é a identificação de formas geométricas no cotidiano, utilizando elementos da natureza. Isso ocorre de maneira bastante espontânea no dia a dia, mas pode ocorrer também de maneira orientada. Porém, à medida que as crianças vão crescendo e se apropriando de conceitos como formas geométricas, existem materiais de sobra para que ela mesma consiga encontrar e se surpreender perante a riqueza que a natureza nos proporciona de tantas maneiras possíveis. Assim como a orientação de observação de elementos da natureza, identificando-os, nomeando-os e relacionando-os aos seres vivos: é uma prática cotidiana vista no quintal.

Mas o aprendizado vai muito além. Aprendem sobre ciclos. Como quando observam que em determinada época a manga, a carambola, a acerola, a jabuticaba, estão disponíveis para seu deleite e podem pegar do pé a qualquer momento para se deliciar, e como em outros, nenhum sinal daquelas frutas por ali.

Figura 10 – Jabuticaba madura.



Fonte: Autora (2019)

É exercitada a observação, a espera, o cultivo, o cuidado, a colheita. Ainda sobre os ciclos, também entendem, com alguns animais, o ciclo de vida e morte. Quando encontram, por exemplo, algum passarinho morto e se compadecem tanto a ponto de realizar um funeral, velando e enterrando o corpo, com cartinhas expressando seus desejos de que ele tenha ido para um bom lugar. Ao vivenciar esse ciclo de vida e morte, aprendem a lidar com os infortúnios, se fortalecem, conhecem processos. Observam também o cultivo de uma semente, o crescer demorado de uma árvore para que depois dê sombra e frutos, além da sensação tão boa de bem-estar que todos aproveitam em um ambiente repleto de natureza.

Aprendem de forma bastante espontânea e afetuosa sobre as características dos animais, como o habitat do João-de-barro, que é tão visto cotidianamente nos galhos das árvores no quintal. Aprendem sobre os hábitos alimentares da galinha, quando dão milho ou levam restos de alimentos do lanche para o galinheiro. Aprendem sobre a transição da lagarta para virar borboleta, sobre os métodos de defesa dos animais, quando observam a esperteza dos lagartos se camuflando para desviar de predadores. Aprendem sobre os animais silvestres, como quando a visita inesperada de um tatu no quintal mobiliza todos para que ele seja acolhido e recolhido pela Polícia Ambiental.

Aprendem sobre tamanhos, classificação, texturas com os elementos que encontram na natureza, mediante sua riqueza disponível: gravetos, folhas, penas, pedra, areia, terra, frutos, legumes, etc.

Figura 11 – Criança contando as manguinhas caídas no quintal.



Fonte: Autora (2019)

Não precisam de exercícios de motricidade em sala de aula, pois a exercitam cotidianamente em seu espaço livre na natureza, ao subir nas árvores, ao pular as pedras e se equilibrar. Aprendem sobre o clima, pois vivenciam na pele cada mudança temporal que o ano

tem, observando as características da seca, do tempo chuvoso, como o céu se comporta em cada uma delas, como a grama fica verdinha ou quase rara, como a poeira se intensifica ou ameniza, como os banhos de mangueira se tornam frequentes ou escassos.

Aprendem sobre resiliência, quando, por exemplo, uma criança com toda persistência tenta abrir um jatobá. Alcança uma pedra e faz dela instrumento para que esse movimento aconteça, e por meio da mediação de uma educadora, consegue se deliciar com a fruta que chama atenção de várias outras crianças: experimentação compartilhada e afetuosa.

Fortalecem sua coragem, estimulam a criatividade. Analisam, pesquisam, experimentam. Exercitam seu senso de observação e exploração do ambiente, pois ocupam cada espaço do quintal. São desenvolvidos processos estruturantes em si próprios para um desenvolvimento pleno do ser. Aprendem sobre as relações, aprendem mais sobre si, aprendem sobre a natureza.

Figura 12 – Criança e natureza.



Fonte: Autora (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Acho que o quintal onde a gente brincou
É maior do que a cidade.
A gente só descobre isso depois de grande.
A gente descobre que o tamanho das coisas
Há que ser medido pela intimidade
Que temos com as coisas.*

Manoel de Barros

Refletir sobre o lugar da natureza e do brincar que nela acontece, na educação e desenvolvimento das crianças, é um trabalho que coloca em pauta diversas questões importantes. As crianças são seres incríveis que demandam espaço, tempo, afeto e entendimento de nós, adultos, para que elas possam ser o que são. A natureza é parte de nós, afinal, dela viemos e para ela voltamos. É um lugar de acolhimento, de calma, de entendimento sobre coisas da vida que podemos aprender de maneira afetuosa e orgânica. É um ambiente riquíssimo, com inúmeras possibilidades de desenvolvimento para o ser que se forma e precisa de entendimento para ser o que é, em sua plenitude. É necessário dar espaço e oportunizar experiências para as crianças, em sua urgente demanda de serem crianças. "Elas apenas querem um lugar, seu *habitat*, com espaço e tempo suficientes para que brincando possam *crescer-ser*, rodeadas por adultos inteligentes porque sensíveis, que saibam acolher o mistério da vida que se expressa dentro de cada uma delas." (PEREIRA, 2002, p. 52)

Quando olhamos para nossa história, é forte e intenso o lugar dos indígenas em nossa constituição enquanto sociedade. Os indígenas têm tanto a nos ensinar, é necessário, também, saber escutar. Saber olhar para parte gigantesca de nossa ancestralidade e perceber que somos quem aqui habitava e zelava pela natureza, aprendendo cotidianamente, respeitando seu fluxo, suas leis, e constituindo sua identidade, seus hábitos e tradições. Em nossa sociedade, cada vez mais industrializada e modernizada, é necessário reaprender a estar em contato com a natureza, pois nos distanciamos e passamos a desconhecer sua importância. São inúmeros os benefícios, individuais e coletivos. Para cada um, a possibilidade de desenvolvimento pleno, em aspectos físicos e subjetivos; para todos, a criação de conexão com o que nos faz vivos, para que entendamos a importância de cuidar do que é nosso e do que nos constitui.

O ato de educar não é necessário que seja doloroso, nem que cartilhas sejam usadas, nem que necessariamente aconteça por meio de cópias gigantescas que não fazem sentido nenhum para as crianças. Educar pode acontecer na natureza, sentindo, com as mãos, com os pés, com a boca, com os ouvidos, com o nariz, tudo o que está disponível de maneira segura e

pertinente àqueles indivíduos. E o mais importante de tudo, sempre com sentido. Educar e brincar na natureza cria laços de pertencimento. Além disso, conhecer o que nos faz vivos e nos constitui, o que nos alimenta, o que nos cura, o que nos protege, o que nos sustenta, é conhecer a importância de respeitar a natureza.

As experiências na Escola da Árvore foram de imenso aprendizado e de intensa contribuição para argumentação desse trabalho. Enxergar que as crianças, em um espaço seguro em meio à natureza, por meio do brincar, conseguem se desenvolver criando conexão e senso de pertencimento, e entender processos tão importantes por meio da vivência possibilitada com o verde, com os bichos, com o imenso céu azul transbordante em suas cabeças, com a horta, com o escalar as árvores, com o sentir o cheiro de terra, é de uma riqueza imensurável. Uma riqueza que vai na contramão de nossa pressa cotidiana, de nossa ambição atual, de nosso pouco olhar para a calma que a vida pode ter.

A observação de suas brincadeiras e das oportunidades de aprendizado que a natureza possibilita faz com que a importância de conexão das crianças com o meio natural seja reforçada, reiterada e necessária. As crianças se desenvolvem de uma maneira muito bonita quando esse contato é possibilitado, sua força, sua criatividade, sua resiliência, seu senso de pertencimento são vistos a olhos nus, e foi isso que a vivência na Escola da Árvore me proporcionou.

É essencial que possamos possibilitar às crianças um contato mais estreito com a natureza. É saúde, é afeto, é senso de pertencimento e cuidado. É olhar atento, é pensar em si, no outro e no planeta. É brincar, é educar, é aprender. É troca, é ganho, é doação. Que saibamos cuidar do que nos faz vivos, que aprendamos novamente a dar a devida importância à terra e seus ensinamentos, que passemos às atuais e futuras gerações a grandeza e magnitude que a natureza foi, é e será.

PROJEÇÕES FUTURAS

Espero estar sempre mais próxima do que acredito. O processo para me tornar a pessoa que sou hoje - desejando ser mais e sempre - foi, e está sendo, repleto de experiências engrandecedoras. Ser educadora é grande parte do meu ser. Aprendi, pelos caminhos que vivi, que a educação pode ser linda, pode ter afeto, pode ser parceira e caminhar junto da/o aluna/o. Acredito em uma educação libertadora, sem amarras, sem sofrimento. Acredito na potencialidade da criança ser o que é, sem que o tradicional ouvir e obedecer, sentar em carteiras olhando para nada mais do que a nuca da/o colega/o venha interromper sua expressão de si. Acredito que a possibilidade de tocar na terra, de subir em uma árvore, de conversar e aprender com todas as pessoas que fazem parte do ambiente em que se vive e frequenta é estruturante para o desenvolvimento do ser. Assim como a possibilidade de reconhecer os próprios sentimentos e lidar com eles, mesmo que não sejam tão agradáveis. Acredito que olhar para a sociedade, desde pequena/o, entendendo sua complexidade, seus problemas, mas também sua beleza, é de uma riqueza gigante para a educação. Não estar à parte, mas estar junto. Não estar apático/a, mas atuante. Entendendo que somos parte, que temos responsabilidade, que temos voz. Que somos capazes de alterar a dinâmica do meio em que vivemos se entendermos do que somos feitos, do que a vida é feita, e da melhor maneira possível: em parceria, em conjunto, em construção constante para sermos o melhor de nós mesmos.

Assim, meu desejo é estar em contato com as crianças, aprendendo com elas, todos os dias, a ser uma educadora que pretende olhar com afeto e cuidado para a educação, no Ensino Público Brasileiro, pois é onde acredito que meu papel pode ser mais significativo e minha prática mais real. Pretendo também continuar na jornada acadêmica, seguindo com um mestrado e doutorado, quem sabe na mesma linha do trabalho de conclusão de curso.

REFERÊNCIAS

Livros e Artigos

ALENCAR, A. L. G. *Feitiçaria entre os Munduruku: uma forma de resistência cultural*. Brasília: UnB/DAN, 2001.

BONIN, I. *O Bem Viver Indígena e o Futuro da Humanidade*. Conselho Indigenista Missionário. Dez. de 2015. Disponível em: <<https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>>. Acesso em: 27 de out. 2019.

BRANDÃO, C.R. *O que é Educação*. 1ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, 116p.

CASIMIRO, A.P.B.S. Igreja, educação e escravidão no Brasil Colonial. *Revista Politeia: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, BA, v. 7. n. 1, p. 85-102, 2007.

CASTRO, E.V. A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento. *Revista Mana*, v. 12, n. 2, Rio de Janeiro, 2007, p. 115-144.

COELHO, P. M. F.; COSTA, M.R.M.; MATTAR NETO, J.A. *Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1077-1094, Set. 2018.

CREMONINI, M.W. *Brincadeira de faz-de-conta na educação infantil: reflexões a partir da ação pedagógica*. Chapecó: Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

DISTRITO FEDERAL, *Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil*. 2ª ed., SEEDF, 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

LIMA, E.A.C. *Diálogos com a natureza, saberes dos povos da Floresta Amazônica*. IV ENECULT- encontro multidisciplinares em cultura. Faculdade de comunicação/UFBA.

Salvador- Bahia, 2008. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14454.pdf>>
Acesso: 25 Out. 2019.

LOUV, R. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. 1 ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MANDULÃO, F.S. *Educação na visão do professor indígena, Diversidade na educação: reflexões e experiências*/ Coordenação: Marise Nogueira Ramos, Jorge Manoel Adão, Graciete Maria Nascimento Barros. – Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003, p. 130 - 137.

MATURANA, H.R.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo, SP: Palas Athena, 2004.

MENDES, A. V. A relação homem-natureza através dos tempos: a necessidade da visão transdisciplinar como fundamento do direito ambiental. In: XIX Encontro Nacional do CONPEDI, 12., 2014, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014. p. 1628-1642.

MONTIBELLER-FILHO, G. *O Mito do Desenvolvimento Sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias*. Tese, Programa Interdisciplinar de Doutorado em Ciências Humanas: Sociedade e Meio Ambiente/ CFH-UFSC, 1999.

MORÁN, E. F. *A ecologia humana nas populações da Amazônia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MOYLES, J.R. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NAVES, J.G.; BERNARDES, M.B. A relação histórica Homem/Natureza e sua importância para construção de ambientes saudáveis. *Geosul*, v. 29, n. 57, p. 7-26, 2014.

PEREIRA, M. A. P. Derrubaram os últimos jardins para construir prédios. *Linhas críticas*. Brasília: Inep, jun. 2002, v. 8, n. 14, p. 49-58.

PEREIRA, M.A.P. *Casa Redonda: uma experiência em educação*. 1. ed. São Paulo: Editora Livre, 2013.

RIBEIRO, P.R.M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, n. 4, p. 15-30, 1993.

RODRIGUES, A. J. *Geografia – Introdução à Ciência Geográfica*. São Paulo: Avercamp, 2008.

SANTOS N. M. *O pensamento educacional de Dermeval Saviani: trabalho, educação e os pressupostos da pedagogia histórico-crítica*. I joingg – jornada internacional de estudos e pesquisas em Antonio Gramsci, Nov, 2016.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*, fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo, 1988.

SAMPAIO, R. M. W. F. Freinet: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008. (Educação contemporânea).

SILVA, A.T.R. O dualismo homem/natureza e suas implicações à Educação Ambiental. In: *Reunião Anual da ANPED*, 35ª, 2012, Porto de Galinhas. *Anais eletrônicos...*Porto de Galinhas: ANPEd, 2012.

SILVA, K.C.; SAMMARCO, Y. M. Relação ser humano e natureza: um desafio ecológico e filosófico. *Monografias ambientais*. Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 01–12, 2015.

SÓLON, P. *Alternativas Sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e a desglobalização*. Tradução de João Peres - São Paulo; Elefante, 2019, 224 p.

SOUZA, A.H.C. et al. A relação dos indígenas com a natureza como contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão da literatura. *Revista Destaques Acadêmicos*, [S.l.], v. 7, n. 2, jun. 2015. ISSN 2176-3070. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/465>>. Acesso em: 24 out. 2019.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. In: *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais*. Belo Horizonte, novembro, 2010.

VIGOTSKI, L.S. *Imaginação e criação na infância*. Trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

WWF. Relatório Planeta Vivo - 2018: Uma ambição maior. Grooten, M. and Almond, R.E.A. (Eds). World Wildlife Fund, Gland, Suíça.

Sites

A NOVA BELO MONTE. Folha de S.Paulo. São Paulo, 3 de outubro de 2018. Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/indios-contr-usina-do-tapajos/indios-contr-usina/indios-lutam-contr-nova-belo-monte.shtml>>. Acesso em: 27 out. 2019.

BETIM, F. *Bolsonaro neutraliza o papel do Ibama na aplicação de multas ambientais*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/politica/1555009346_229285.html>. Acesso em: 6 set. 2019.

CARTA DOS MUNDURUKU AO GOVERNO EXPLICITA CONHECIMENTOS MILENARES E REAFIRMA DEMANDAS. Conselho Indigenista Missionário. 10 de junho de 2013. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2013/06/34922/>> Acesso em: 28 out. 2019.

IBGE, *Censo 2010*: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias->

censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 6 set. 2019.

JIMÉNEZ, C. *Bolsonaro: “Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista”*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html>. Acesso em: 6 set. 2019.

MAGALHÃES, A. et al. Os interesses econômicos por trás da destruição da Amazônia. Repórter Brasil. 2019. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2019/08/os-interesses-economicos-por-tras-da-destruicao-da-amazonia/>>. Acesso em: 24 agosto 2019.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Amazônia. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/biomas/amaz%C3%B4nia.html>>. Acesso em: 7 set. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. *Milenar arte de educar dos povos*, Disponível em: <<http://danielmunduruku.blogspot.com/2010/04/milenar-arte-de-educar-dos-povos.html>> Acesso em: 07. out. 2019.

PIRES, B. *Uma cruel vitrine do Brasil que ainda celebra a tortura*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/04/politica/1567553181_970849.html>. Acesso em: 6 set. 2019.

RODRIGUES, S. *Governo corta R\$ 187 milhões do MMA*. Saiba como o corte foi dividido. Disponível em: <<https://www.oeco.org.br/noticias/governo-corta-r-187-milhoes-do-mma-saiba-como-o-corte-foi-dividido/>>. Acesso em: 6 set. 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Grupo de Trabalho em Saúde e Natureza. Manual de Orientação. Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes. SBP; 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/manual_orientacao_sbp_cen_.pdf. Acesso em: 30 out. 2019.

VERDÉLIO, R. *Bolsonaro diz que não fará demarcação de terras indígenas*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-08/bolsonaro-diz-que-nao-fara-demarcacao-de-terras-indigenas>>. Acesso em: 6 set. 2019.

ANEXOS

ANEXO 1 - DECLARAÇÃO DA ESCOLA DA ÁRVORE



Brasília, 18 de novembro de 2019.

Declaramos, para os devidos fins, que autorizamos a aluna Raylane Marina Carlos de Aguiar, matriculada no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), a citar o nome da Escola da Árvore em seu trabalho de conclusão de curso, bem como usar imagens feitas na escola para fins de divulgação científica no seu TCC, artigos e capítulos de livro sem quaisquer ônus e restrições.

Letícia de Almeida Araújo

Diretora Pedagógica

Letícia de Almeida Araújo
Diretora Pedagógica
Deliberação UERJ nº 026/99
Escola da Árvore